

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

CÂNDIDA SCHAEGLER

**UM SÉCULO DE *SANKT PAULUSBLATT*: ANÁLISE DA ÚNICA REVISTA
BRASILEIRA EM LÍNGUA ALEMÃ COM CIRCULAÇÃO MENSAL NO BRASIL**

Porto Alegre
2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

CÂNDIDA SCHAEGLER

**UM SÉCULO DE *SANKT PAULUSBLATT*: ANÁLISE DA ÚNICA REVISTA
BRASILEIRA EM LÍNGUA ALEMÃ COM CIRCULAÇÃO MENSAL NO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do grau
de Bacharel em Comunicação Social –
Jornalismo pela Faculdade de Comunicação
Social da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Dornelles

Porto Alegre
2015

CÂNDIDA SCHAEGLER

**UM SÉCULO DE SANKT PAULUSBLATT: ANÁLISE DA ÚNICA REVISTA
BRASILEIRA EM LÍNGUA ALEMÃ COM CIRCULAÇÃO MENSAL NO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do grau
de Bacharel em Comunicação Social –
Jornalismo pela Faculdade de Comunicação
Social da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de 2015

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Beatriz Dornelles (orientadora)

Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt (examinador)

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva (examinador)

Porto Alegre
2015

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, não posso deixar de mencionar meu pai, minha mãe e minha irmã, por terem aguentado minha chatice durante a elaboração desta monografia, pela compreensão de sempre e pelo amor que recebo quando volto para Harmonia.

Ao Tiago, que, desde 2012, tem sido muito mais do que um namorado, mas meu melhor amigo e meu maior incentivador – e também tradutor nos momentos em que precisei.

À Bia, por ter confiado em mim, desde que fui bolsista de iniciação científica, por me orientar com atenção, ouvir com paciência minhas dúvidas, me acalmar quando estive aflita e me estimular a seguir na carreira acadêmica. Depois de tanta convivência, a tomo como exemplo não só de profissional, mas também de pessoa.

Ao Guido Scherer, por ter me emprestado exemplares da *Sankt Paulusblatt* que tem guardados em Harmonia e por ter dedicado um pouco do seu tempo para me explicar o que sabe sobre a revista e imigração alemã.

Às bibliotecárias do Memorial Jesuíta da Unisinos de São Leopoldo, em especial à Janaína Silva, por alcançar, sempre solícita, o que eu precisava nos dias em que fui pesquisar.

Aos amigos que fiz na Famecos, com quem dividi longas conversas no bar, algumas cervejas no Maza e muita parceria nesses quatro anos. Se citar nomes corro o risco de esquecer alguém – nunca fiz tantas amizades na minha vida. Entretanto, seria extremamente injusto não mencionar ao menos o Carlos, com quem tenho o prazer de conviver desde o Ensino Médio e que, com seu coração gigante, me apoia e me ama independente da circunstância e do meu humor.

Aos mestres com quem tive aula na Famecos, em especial ao Leonam – que me mostrou como é bom ser repórter –, aos professores com quem convivi no Editorial J e à Ivone, que me indicou para ser bolsista da Bia em 2014, me abrindo possibilidades e o gosto pela pesquisa.

A todos que me forneceram informações e ideias para esta monografia.

Os grupos acham-se, assim, vinculados a uma ordem semelhante de ideias e a um propósito comum: adquirir sabedoria e experiência para sobreviver e aperfeiçoar a espécie e a sociedade. Sabedoria e experiência, sobrevivência e aperfeiçoamento que só conseguem mediante a comunicação, o processo mínimo, verbal e gráfico pelo qual os seres humanos intercambiam sentimentos, informações e ideias (BELTRÃO, 2014, p. 45).

Mas quaisquer que fossem as divergências dos descendentes de imigrantes, os jornalistas, sem dúvida, lhes deram sua consciência coletiva, que enunciaram o problema teuto-brasileiro e que propuseram soluções, quer de princípio, quer de circunstância (ROCHE, 1969, p. 661).

RESUMO

A presente monografia se propõe a apresentar e analisar, por meio de pesquisa descritiva, os cem anos da revista brasileira em língua alemã *Sankt Paulusblatt*, que foi criada em 1912 e está em circulação até hoje. Para cumprir o objetivo, nosso escopo centrou-se da data de criação da revista até 2012. Analisamos um exemplar aleatório do primeiro semestre e outro do segundo semestre de cada ano, para identificar padrões e descrever seções, características, número de páginas e design, uma vez que ela nunca havia sido pesquisada do ponto de vista jornalístico. Posteriormente, dividimos os cem anos em cinco períodos, a partir de características que predominaram em cada um deles, mostrando, por fim, que a *Sankt Paulusblatt* não é uma revista de jornalismo, mas pode ser estudada a partir de Teorias da Comunicação. A importância do estudo reside em seu ineditismo, uma vez que há lacunas significativas na pesquisa da imprensa brasileira feita por imigrantes alemães e contribui para a reconstituição da história da comunicação no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: História da imprensa; Sankt Paulusblatt; Revista; Imprensa e religião; Colonização alemã.

ABSTRACT

This monograph aims to present and analyze, using descriptive research, the centenary Brazilian magazine written in German language *Sankt Paulusblatt*, which was established in 1912 and is in circulation until today. To achieve this goal, our scope focused on the date of the magazine's creation until 2012. We analyzed a random sample of the first half and another in the second half of each year to identify patterns and describe sections, characteristics, number of pages and design, since it had never been researched by the journalistic point of view. Subsequently, the hundred years were divided into five periods, from the characteristics that predominated in each, showing eventually that *Sankt Paulusblatt* is not a Journalism magazine, but can be studied from the Social Communication Theory. The importance of the study lies in its uniqueness, since there are significant gaps in the Brazilian press survey made by German immigrants and contributes to the reconstruction of the history of communication in Brazil.

KEY-WORDS: Press History; Sankt Paulusblatt; Magazine; Press and Religion; German Colonization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeira página da <i>Sankt Paulusblatt</i> em 1913.....	60
Figura 2 – Nova capa da <i>Sankt Paulusblatt</i>	62
Figura 3 – Exemplo da diagramação e da tipografia.....	64
Figura 4 – Nova capa da <i>Sankt Paulusblatt</i> em 1959.....	69
Figura 5 – Nova capa da <i>Sankt Paulusblatt</i>	78
Figura 6 – Bodas de ouro e gerações de família.....	79
Figura 7 – Capa da <i>Sankt Paulusblatt</i> em 2012.....	80
Figura 8 – Nova diagramação da revista.....	81

LISTA DE SIGLAS

SPB – *Sankt Paulusblatt*

SUP – Sociedade União Popular

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. INTEGRAÇÃO DO IMIGRANTE ALEMÃO À SOCIEDADE BRASILEIRA ...	15
2.1 O ASSOCIATIVISMO TEUTO-BRASILEIRO	19
2.2 CAIXAS RURAIS: INÍCIO DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO	22
2.3 SOCIEDADE UNIÃO POPULAR: UMA PROPOSTA SOLIDÁRIA	25
2.3.1 Diretoria ao longo dos anos	29
2.4 IMPACTO DE FATORES HISTÓRICOS	31
3. NOTÍCIAS DA COLÔNIA, DO BRASIL E DO MUNDO: A IMPRENSA BRASILEIRA EM LÍNGUA ALEMÃ	33
3.1 SURGIMENTO E DIFUSÃO DOS JORNAIS E REVISTAS EM LÍNGUA ALEMÃ	36
3.2 A IMPRENSA TEUTO-BRASILEIRA NO CONTEXTO BRASILEIRO E SUL- RIOGRANDENSE	40
4. JORNALISMO E REVISTA: FUNÇÕES SOCIAIS E CARACTERÍSTICAS ..	44
4.1 CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO	44
4.2 PARTICULARIDADES DE UMA REVISTA	46
4.3 BREVE INTRODUÇÃO À <i>SANKT PAULUSBLATT</i>	49
5. PANORAMA DE UM SÉCULO DE <i>SANKT PAULUSBLATT</i>	54
5.1 DE 1912 A 1941: SURGIMENTO E CONSOLIDAÇÃO	57
5.2 1948 A 1956: PREDOMINÂNCIA DE CONTOS E DE ROMANCES- FOLHETIM.....	65
5.3 1957 A 1974: NOTÍCIAS DA <i>VOLKSVEREIN</i> E DO MUNDO	68
5.4 1975 A 1988: DESTAQUE PARA A RELIGIÃO.....	72
5.5 1989 EM DIANTE: NOVA ERA COM TRANSFERÊNCIA PARA NOVA PETRÓPOLIS	74
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS.....	88
REVISTAS CONSULTADAS	94

1 INTRODUÇÃO

A imprensa brasileira em língua alemã ainda foi pouco pesquisada – em parte pela barreira linguística e pela má conservação dos acervos, em parte pelo desconhecimento da existência dela. Só no Rio Grande do Sul, entre 1852 e 1941, circularam 144 jornais e revistas em língua alemã, o que demonstra a extensão da produção noticiosa e informativa dos teuto-brasileiros. Com o intuito de preencher uma parte da lacuna desses estudos, propomo-nos a apresentar e analisar a revista brasileira em língua alemã *Sankt Paulusblatt*, criada em 1912 e em circulação até hoje – uma das poucas que ainda sobrevivem após a Campanha de Nacionalização promovida por Getúlio Vargas, a partir de 1938, que decretou a morte da maior parte da imprensa redigida em outro idioma no Brasil.

A *Sankt Paulusblatt* foi fundada junto com a Sociedade União Popular (SUP), em Venâncio Aires (RS), uma associação que visava à promoção do bem-estar dos teuto-católicos da região sul-brasileira. A revista era o meio oficial de comunicação da entidade com seus associados e sofreu várias alterações ao longo dos mais de 100 anos de existência. Atualmente, a SUP denomina-se Associação Theodor Amstad e sua função junto aos membros não é mais a mesma. Por meio deste trabalho, contamos a história da revista, descrevemos seu conteúdo e aparência e, para isso, levamos em conta os aspectos históricos que influenciaram o que era publicado.

Documentamos a história da revista *Sankt Paulusblatt* enfrentou durante os mais de 100 anos de publicação, quais foram as características de seu conteúdo ao longo do tempo, qual a finalidade da revista atualmente e como ela ainda consegue sobreviver. Como objetivo, visamos a resgatar a história e as alterações da revista, demonstrar os principais percalços que enfrentou, inserindo-a no contexto da imprensa brasileira e do associativismo alemão no sul do Brasil no início do século XX. Além disso, estudamos o contexto histórico da época e o papel que tinha como meio de comunicação da Sociedade União Popular, hoje Associação Theodor Amstad, e verificamos a viabilidade econômica da revista em relação a seu futuro.

Optamos por abordar o tema de maneira mais abrangente porque a história da Sociedade União Popular já foi contada em diversos livros e pesquisas, ao passo que não houve nenhum estudo focado em compreender a *Sankt Paulusblatt* em si. Acreditamos que, posteriormente, esta pesquisa pode se desdobrar em muitas outras. Para isso, é necessário, primeiramente, compreender a publicação como um todo.

O período que estudamos compreende a revista, desde sua fundação, em 1912, até 2012. Analisamos dois exemplares aleatórios de cada ano – um do primeiro semestre e outro do segundo – o que nos possibilitou compreender as alterações que a *Sankt Paulusblatt* foi sofrendo com o passar do tempo e com os acontecimentos históricos que ditavam o contexto da época. Durante a Campanha de Nacionalização, por exemplo, teve que ser redigida em português e alemão na primeira página. A partir de 1989, as assinaturas caíram em função da morte dos antigos assinantes e da redução no número de pessoas que se dispõe a ler em alemão, o que também é reflexo das medidas nacionalistas tomadas na era Vargas, quando o uso da língua alemã foi proibido nas escolas e no dia a dia dos colonos.

Considerando o tema deste estudo, a natureza da pesquisa é descritiva e documental. Utilizamos as técnicas de revisão bibliográfica, descrição analítica e entrevistas despadronizadas.

A pesquisa descritiva consiste, conforme Gil (2008, p. 28), na “descrição das características de determinada população ou fenômeno e o estabelecimento de relações entre variáveis”. Assim, descrevemos a revista e relacionamos o que ela foi e é com o contexto histórico da época à qual nos referimos.

Já a pesquisa documental pode ser caracterizada como um método e como uma técnica ao mesmo tempo, de acordo com alguns autores. Moreira (2006, p. 272) define que ela é um método porque “pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação”. Por outro lado, é “técnica porque é um recurso que complementa outra forma de obtenção dos dados” (MOREIRA, 2006, p. 272). Gil (2008) salienta algumas vantagens do emprego da pesquisa a partir da consulta de documentos, como o conhecimento do passado, a investigação de mudanças culturais e sociais e a obtenção de informações com menor custo.

De acordo com Stumpf (2006), a pesquisa bibliográfica ou revisão literária “é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados” (STUMPF, 2006, p. 51). Esses dados servem para redigir o trabalho acadêmico e o embasam, permitindo-nos tomar conhecimento do assunto e nos apropriarmos dele para seguir a redação de nossa pesquisa.

O emprego da técnica de análise descritiva, ou descrição analítica, fornece os procedimentos necessários para contar a história da revista e descrevê-la. Para

Bardin (2011, p. 41), “a descrição analítica funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Esta técnica nos permitirá entender e descrever as diferenças de conteúdo e gráficas que a *Sankt Paulusblatt* enfrentou. Focar-nos-emos, assim, na descrição do conteúdo e da parte gráfica, sem definir categorias específicas da análise de conteúdo, uma vez que o vasto material que possuímos não pode ser estudado de maneira tão aprofundada em pouco tempo. Este nem é nosso objetivo: pretendemos abrir caminho para explorações posteriores, tanto no âmbito jornalístico, quanto histórico, bem como provocar outros pesquisadores e estudantes a se voltarem ao estudo da imprensa feita por imigrantes, tanto alemães, quanto italianos, japoneses, portugueses ou poloneses.

Para a reconstituição dos 100 anos da *Sankt Paulusblatt*, também recorreremos a entrevistas em profundidade, com o atual jornalista responsável e com quem faz parte da administração dela. Conforme Duarte (2006, p. 63), as perguntas permitirão aprofundar o assunto, “descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer perspectivas”. Esta técnica ainda nos permitiu “identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações” (DUARTE, 2006, p. 63).

Na fundamentação teórica do presente estudo, foram importantes os autores Martin Dreher, Arthur Blásio Rambo e Marcos Justo Tramontini (2004), com a obra que organizaram sobre imigração e imprensa, além de Sérgio Caparelli (1980), que escreveu sobre o controle ideológico na imprensa dos imigrantes alemães. Rambo (2003) e Wolff (2010) também foram utilizados para situar o leitor no âmbito da imprensa em língua alemã no Brasil.

No que se refere à Sociedade União Popular, hoje Associação Theodor Amstad, que publica a revista *Sankt Paulusblatt*, embasam a pesquisa os autores Isabel Arendt e Arthur Rambo (2012), organizadores de uma obra sobre a história da entidade. Além disso, a pesquisa de Schallenberger (2009) também é fundamental, por inserir a SUP em um contexto de associativismo alemão, enquanto Roche (1969) nos fornece um panorama da imigração alemã no Rio Grande do Sul e como os colonos se organizaram, ao longo do século XIX e início do século XX.

Para situar a imprensa produzida por imigrantes alemães no contexto histórico brasileiro e gaúcho, foram fundamentais as obras de Nelson Werneck Sodré (2011) e

Francisco Rüdiger (1998), que escreveram sobre a história da imprensa no Brasil e no Rio Grande do Sul, respectivamente.

Por fim, para definir o que é jornalismo, utilizamos Beltrão (1992), Rossi (1986), Traquina (2005, 2008); e Scalzo (2011) e Schwaab e Tavares (2013) na definição de revista – o que nos permite verificar se a *Sankt Paulusblatt* realmente se encaixava no conceito de uma revista jornalística. Além disso, Klauck (2009) nos forneceu um panorama da primeira fase da *Sankt Paulusblatt*, o que nos auxiliou a criar uma breve introdução à revista.

Em relação à organização da monografia, no primeiro capítulo, abordamos a integração dos imigrantes alemães no sul do Brasil, nos séculos XIX e XX, para entender a maneira como se associavam e buscavam se adaptar à nova pátria. Nessa parte, é possível compreender o contexto do surgimento da Sociedade União Popular (SUP) e sua transformação na Associação Theodor Amstad, que publica a *Sankt Paulusblatt*, sua estrutura administrativa e atuação. Ademais, também resgatamos o período das Grandes Guerras e do Estado Novo, que afetaram muito os imigrantes alemães e cujos efeitos respingaram sobre a revista.

No terceiro capítulo, falamos sobre a imprensa em língua alemã no Brasil, fazendo um resgate histórico das publicações, que incluíam jornais, revistas e almanaques. Além disso, inserimo-la no contexto brasileiro e sul-rio-grandense, uma vez que a imprensa feita pelos imigrantes alemães era, de acordo com a bibliografia selecionada, essencialmente brasileira e se preocupava com os problemas enfrentados no Brasil, e não na pátria na Alemanha.

A conceituação do que é jornalismo e a apresentação de características fundamentais de uma revista ganham espaço no quarto capítulo. Devido a divergências de nomenclatura em relação à *Sankt Paulusblatt*, acreditamos ser fundamental apresentar a definição de revista. Também nesta oportunidade arrolamos características jornalísticas, para verificar se ela se encaixa nessa definição.

Por fim, o quinto capítulo apresenta a análise descritiva da *Sankt Paulusblatt*, feita por meio de pesquisa documental no Memorial Jesuíta da Unisinos e com entrevistas despadronizadas para ajudar a reconstruir a história da revista. Para estruturar essa parte do trabalho, dividimos os 100 anos pesquisados em cinco períodos, o que nos permitiu analisar como o contexto histórico influenciou na circulação e no conteúdo. A influência de acontecimentos externos, por exemplo, é mais evidente em alguns períodos do que em outros.

A contribuição da pesquisa para a área da Comunicação Social diz respeito ao ineditismo do assunto, uma vez que a lacuna sobre a imprensa em língua alemã no Brasil necessita ser preenchida. Por meio dos resultados que obtivemos, é possível compreender melhor como a imprensa foi um instrumento de união entre os colonos alemães, sobretudo no contexto teuto-católico estudado nesta monografia. Também é possível notar como se utilizou a revista como um meio de manter os associados da SUP informados do que ocorria no mundo e a par de suas necessidades básicas, contribuindo para o desenvolvimento da colônia alemã sul-brasileira e no letramento de seus leitores.

Em relação à importância social deste estudo, enfatizamos o conhecimento da organização dos imigrantes alemães e o fato de terem criado uma imprensa forte auxiliou a formar, não só o Rio Grande do Sul, mas o próprio Brasil. Também acreditamos ser fundamental estudar a história da imprensa para compreender melhor o presente e para desvelar aspectos desconhecidos da mídia brasileira.

2 INTEGRAÇÃO DO IMIGRANTE ALEMÃO À SOCIEDADE BRASILEIRA

Desde o início da imigração alemã¹ no Brasil, em 1824, acusou-se, inúmeras vezes, os imigrantes de se manterem alheios à sociedade brasileira. Para Gertz (1991), o leigo, chegado à colônia, deparava-se com um quadro de isolamento e não se interessava em entender logicamente o porquê. Essas manifestações não são apenas fruto de preconceito, mas baseiam-se em indícios – ou na falta deles. “Há poucos estudos sobre casamentos interétnicos, mas dados sobre alguns lugares apontam baixos índices de miscigenação. A preservação da língua alemã é usual, ao menos nas áreas rurais” (GERTZ, 1991, p. 14). Também há casos em que as próprias lideranças étnicas manifestaram a opinião de que o colono alemão é que permanecia distante do resto da sociedade por vontade própria.²

Gertz (1991), porém, afirma que poderia mostrar o contrário, se utilizasse apenas algumas referências bibliográficas e documentais, pois há registros de conflitos entre os próprios alemães, desuniões regionais e integração política. O que o autor busca esclarecer é que, sob determinados pontos de vista, é possível defender as duas ideias e também pontua que não acredita que o meio-termo, nesse caso, seja o correto. A participação política dos colonos se deu de maneira “normal” – e Gertz (1991, p. 22) utiliza esse termo levando em conta a formação local do poder, sua inserção no estado e no país, e não apenas fatores externos. De maneira geral, todavia, é possível perceber divergências entre pesquisadores da imigração alemã, pois alguns enfatizam a situação de isolamento dos colonos, enquanto outros buscam demonstrar como eles se integraram, mesmo que de maneira discreta.

Conforme Rambo (1997)³, viver no Brasil e exibir a certidão de nascimento como brasileiro não era suficiente para os imigrantes, colonos e descendentes de

¹ Por imigrante alemão entendemos todo o imigrado dos grão-ducados que hoje formam a Alemanha e, na época, ainda não eram unificados no Império Alemão. Como explica Schulze (2014), até mesmo suíços e austríacos acabaram designados como imigrantes alemães por falarem o idioma.

² Esta constatação está registrada na obra CEM anos de germanidade no Rio Grande do Sul. **São Leopoldo**: Editora UNISINOS, 1999, que, posteriormente, utilizaremos em alguns subcapítulos desta pesquisa e na parte em que abordamos a imprensa brasileira em língua alemã. O livro foi uma publicação festiva editada pela Federação das Associações Alemãs. Não há nenhum nome de autor na obra, embora, no capítulo sobre o desenvolvimento cultural, apareça que um dos principais redatores foi o padre Theodor Amstad, do qual falaremos mais adiante.

³ Arthur Blásio Rambo é um dos pesquisadores mais referenciados nesta monografia, pois se dedicou a vários temas que serão abordados, como à integração do imigrante na sociedade brasileira, à Sociedade União Popular, ao cooperativismo de crédito no Brasil e à imprensa dos teuto-brasileiros. Junta-se a ele o historiador René Gertz (já referenciado). Devido à dificuldade de encontrar bibliografia de autores diferentes para embasar todos os capítulos e subcapítulos, recorreremos com frequência aos mesmos pesquisadores que se debruçaram sobre temas essenciais a esta pesquisa.

alemães: era preciso engajar-se consciente e afetivamente à pátria que agora habitavam. A trajetória de integração, contudo, foi permeada por diversos percalços, tanto de natureza política e econômica, quanto social.

Os colonos alemães do sul do Brasil, na concepção de Rambo (1997), integravam-se plenamente de maneira discreta, sem fazer qualquer tipo de alarde ao exercer sua cidadania. O tempo e as futuras gerações é que ficaram encarregados de completar a integração, conforme o autor. O contato sempre crescente com imigrantes portugueses e italianos, e a ascensão do país rumo à integração nacional, daria os contornos finais a esse processo, uma vez que o governo manteve-se distante, ou quase alheio, aos colonos teutos (RAMBO, 1997).

Para Silva (2006), desde a chegada ao Brasil, os imigrantes alemães estabeleceram-se como um grupo distinto. Em alguns momentos, sobressaíam-se as características linguísticas, em outros, o fenótipo ou as diferenças religiosas e culturais.

Muitas das características de distinção foram sendo substituídas com o passar do tempo, outras sendo agregadas, algumas mais fortemente ressaltadas na medida em que o grupo demarcava seus limites à integração. Como grupo distinto, ele também produziu suas lideranças, que atuaram em diferentes campos – religioso, político, social –, concomitantemente ou em diferentes épocas, com preocupações que ora se encontravam e ora divergiam. Em comum, no entanto, todos tiveram o foco de atenção sobre a situação da população de origem imigrante alemã (SILVA, 2006, p. 111).

Na visão de Koseritz⁴ (1972), havia diferenças significativas entre os imigrantes e descendentes alemães do Rio de Janeiro e os do Rio Grande do Sul. Enquanto os do Rio de Janeiro mantinham seus interesses majoritariamente sobre a Alemanha, os do Rio Grande do Sul formavam um povo colonial que permanecia na terra e construía família, tendo como ponto central o Brasil. Como Koseritz (1972, p. 164) define: “Entre nós, no Rio-Grande, a bandeira brasileira nunca falta ao lado da alemã [...]. O centro de nossos interesses está no Brasil, nós devemos participar da vida pública do país, no qual não vivemos temporariamente [...]”. Assim, os colonos rio-grandenses

⁴ Karl von Koseritz foi o político e jornalista teuto-brasileiro de maior importância e influência do século XIX para os imigrantes alemães – e também se destacou entre os próprios brasileiros. Mais informações sobre ele serão fornecidas no terceiro capítulo. Outra observação importante é a respeito da grafia de seu nome: em muitas obras encontramos como “Carl”, provavelmente um abasileiramento de Carlos, que seria a tradução literal. Optamos por preservar a escrita original.

buscavam naturalizar-se e participar da vida política da nova pátria, ao mesmo tempo em que conservavam o idioma, alguns costumes e o amor à Alemanha.

De maneira geral, a integração ocorreu preservando características da identidade⁵ alemã e mesclando-as aos hábitos brasileiros. Conforme Seyferth (1994), os imigrantes alemães não necessariamente se estabeleceram no Brasil na condição de colonos, pois muitos foram para cidades emergentes, como Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo, e mesmo para centros urbanos de outros estados, como Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Antes da primeira Guerra Mundial, grande parte dos colonos que integrou projetos de imigração era oriundo do meio rural. Entretanto, também houve uma leva de artesãos, intelectuais e pequenos empresários que influenciaram, posteriormente, na formulação do que Seyferth (1994, p. 13) denomina de “ideologia étnica teuto-brasileira”. A etnicidade teuto-brasileira foi reafirmada também ao longo do século XX, de diferentes maneiras, sempre com destaque a um modo peculiar e único de ser brasileiro.

É importante enfatizar, contudo, que os imigrantes romperam os laços com a Alemanha na renúncia da cidadania de origem, assumindo o Brasil como uma nova pátria (SEYFERTH, 1994). A palavra “pátria” carrega implicitamente, nesse contexto, o significado de fixar-se, criar raízes – termo que até hoje integra o discurso étnico teuto-brasileiro (SEYFERTH, 1994).

A comunidade étnica teuto-brasileira foi definida objetivamente por seus membros a partir do uso cotidiano da língua alemã, da preservação de usos e costumes alemães (incluindo, entre outras coisas, hábitos alimentares, organização do espaço doméstico, formas de sociabilidade, comportamento religioso, etc.), da intensidade da vida social expressa pelas muitas associações que assumiram forte caráter étnico (como as sociedades de tiro, de ginástica, de canto, escolares, de auxílio mútuo) (SEYFERTH, 1994, p. 15).

Ainda de acordo com Seyferth (1994), no início do século XX as colônias alemãs não estavam assimiladas, sobretudo porque o fluxo imigratório ainda não havia cessado. Lentamente, todavia, elas foram se tornando teuto-brasileiras. O processo de urbanização atraiu mão-de-obra nacional a elas, intensificando o contato

⁵ A palavra “identidade” é entendida por nós de acordo com a conceituação de Hall (2004), no sentido de cultura nacional. As pessoas não são apenas cidadãos ou cidadãs legais de um país, mas pertencem a ele de acordo com a representação de sua cultura, o que gera identificação e um sentimento de lealdade. “A cultura nacional, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente e seu passado e imagens que dela são construídas” (HALL, 2004, p. 51).

com os outros habitantes brasileiros. “Nessa situação, cada vez mais se afirma uma identidade étnica cujo elemento de distinção preferencial será o uso cotidiano da língua alemã” (SEYFERTH, 1994, p. 16).

Conforme Barros e Lando (1976), o isolamento em que os imigrantes alemães encontravam-se nas colônias no início do processo de colonização, que se deu em 1824, dificultou a integração à vida do Rio Grande do Sul. O fato de não dominarem a língua portuguesa tornava tudo ainda mais árduo e impedia uma necessidade básica: comunicar-se com os conterrâneos sulistas. Para Gertz (1994a), o estranhamento linguístico é o primeiro passo para a difusão de diversos preconceitos: os italianos, por falarem uma língua latina, com certa dificuldade conseguiam entender-se com brasileiros, o que não era possível no caso do idioma germânico.

No campo econômico, Barros e Lando (1976) registram que, no momento em que o imigrante participa da economia regional e nacional, seus interesses tornar-se-ão específicos e eles passarão a se identificar como pequenos proprietários rurais. Situando-se dentro de classes sociais distintas, seus interesses vão contrapor-se aos dos grandes proprietários de terra. Para os autores, esse foi o motivo de eles não serem aceitos por muitos brasileiros, e não simplesmente uma discriminação étnica.

Enquanto os imigrantes não participam da vida econômica e política rio-grandense, o isolamento geográfico em que se encontravam foi reforçado pela exclusão social, como mostram Barros e Lando (1976). Somente depois que os núcleos coloniais começam a prosperar é que, em função da necessidade de desenvolvimento do estado, os colonos terão acesso à participação política. “Será justamente este elemento que irá viabilizar a integração dos imigrantes alemães à sociedade de adoção, ao mesmo tempo em que constitui um indicador desta integração” (BARROS e LANDO, 1976, p. 61).

Nos demais itens, entenderemos o associativismo teuto-brasileiro, como preservou-se o *Deutschtum*⁶ e como esses imigrantes criaram um sistema de cooperativismo eficiente, influenciando, posteriormente, no surgimento e na atuação da Sociedade União Popular. No entanto, ainda restam diversas lacunas em relação à imigração alemã que, aos poucos, são preenchidas. Alguns episódios foram

⁶ Cf. Gertz (1991), *Deutschtum*, costumeiramente traduzido como germanismo ou germanidade (por ele, como germanismo), é uma expressão utilizada para designar a população alemã e seus descendentes. Em outros casos, Gertz (1991) também admite o uso como uma ideologia e uma atitude de defesa da germanidade das populações de origem teuta – significado este que acreditamos ser o que melhor se aplica à presente monografia.

propositalmente encobertos na historiografia oficial e, com o passar dos anos, são desvelados por historiadores.⁷

2.1 O ASSOCIATIVISMO TEUTO-BRASILEIRO

Uma forma de os imigrantes alemães integrarem-se à sociedade brasileira, preservarem o *Deutschtum* e participarem de uma construção social foi através do associativismo. Não é difícil encontrar, na bibliografia analisada, citações que enaltecem a inclinação germânica para reunir-se em associações – o que, em parte, também explica sua proliferação no Brasil. A contribuição dos imigrantes alemães, para a cultura rio-grandense, é destacada, muitas vezes, em tom de exaltação:

Afinal, que valor teria a emigração da velha pátria, a expansão na pátria nova, as vivências históricas tão relevantes somadas ao progresso material, caso os imigrantes alemães do Rio Grande do Sul não tivessem preservado seus bens culturais, continuado no cultivo do espírito? Sem este conteúdo espiritual, sem o desenvolvimento cultural, nossa germanidade não passaria de uma casca sem caroço! (CEM anos de germanidade..., 2005, p. 289).

Schallenberger (2009) discorda do argumento apresentado acima e afirma que o associativismo não era tão natural aos teutos quanto alguns historiadores querem demonstrar. Nos primórdios da colonização, o associativismo era raro, uma vez que toda ação associativa parte de interesses convergentes. Contudo, o grupo de alemães no sul do Brasil não era homogêneo. “Diferenças de credo, divergências políticas, diversidade profissional e diferenciadas práticas culturais caracterizaram os sujeitos sociais reduzidos sob o conceito de teuto-brasileiros” (SCHALLENBERGER, 2009, p. 206). Silva (2006) também defende o mesmo ponto de vista: o espírito associativo dos teutos não era fruto de um traço cultural inato, mas da necessidade que diferentes grupos têm de se agregarem para fins diversos.

⁷ Como exemplo, podemos citar: MÜHLEN, Caroline von. **Da exclusão à inclusão social: trajetórias de ex-prisioneiros de Mecklenburg-Schwerin no Rio Grande de São Pedro Oitocentista**. 2010, 276 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História. Unisinos, São Leopoldo, 2010; e MOREIRA, Paulo R. S.; MUGGE, Miquéias H. **Histórias de escravos e senhores: em uma região de imigração europeia**. São Leopoldo: Oikos, 2014. A primeira pesquisa discorre sobre imigrantes oriundos de prisões e a segunda revela que imigrantes teutos na colônia de São Leopoldo exploraram mão-de-obra negra e escrava na segunda metade do século XIX. Outra obra que busca trazer à luz episódios esquecidos é DREHER, Martin. **190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças**. São Leopoldo: Oikos, 2014.

Schröder (2003) credita boa parte do nascimento da agitação associativa entre os teutos a uma leva imigratória que veio da Alemanha entre 1848 e 1859. Com nível cultural superior, esses imigrantes eram críticos em relação à Igreja e à religião, o que chamou a atenção dos colonos já estabelecidos no Brasil.

Schallenger (2009) aponta três maneiras para se entender o início do associativismo entre os teuto-brasileiros.

A primeira considera a face da necessidade da inserção social e da continuidade enquanto sujeito e grupo social, o que implicava a ação prospectiva de construção, de defesa e de valorização do espaço econômico. A segunda possibilita o enfoque a partir da necessidade de busca de pertencimento a uma unidade de referência sociocultural, na qual as representações e as práticas culturais pudessem se alimentar de sentido. [...] A terceira evoca a necessidade da ajuda mútua e da autoproteção enquanto grupo étnico, o que implicava atividades assistenciais e ações políticas de representação e de autodefesa (SCHALLENBERGER, 2009, p. 212).

Conforme indica Roche (1969), as associações e sociedades teuto-brasileiras surgiram apenas quando os comerciantes acumularam excedentes e quando os *Brummers*⁸ despertaram o *Deutschtum*. Eles foram, assim, os fundadores dessas associações que progrediram e os iniciadores das que, posteriormente, se espalharam nas colônias. As primeiras associações alemãs foram fundadas em Porto Alegre, das quais a mais antiga é a Sociedade Germânia, constituída, em 1855, por 28 membros (ROCHE, 1969). Em contraponto, Roche (1969) lembra, também, que foi nas colônias, majoritariamente localizadas em zonas rurais, que se encontrava a maior parte das associações. Schallenger (2009), por sua vez, acrescenta que o associativismo teuto adquiriu expressividade no meio urbano entre intelectuais e segmentos vinculados ao comércio e à indústria.

Conforme Schallenger (2009), o associativismo entre os teutos foi fundamentado na necessidade de expressar práticas culturais que identificassem seus estilos de vida e formas de representação típicas do seu povo. Nesse sentido, proliferaram sociedades de canto, além de manifestações lúdicas em torno do esporte

⁸ Cf. Schallenger (2009), os *Brummer* eram alemães oriundos de uma legião estrangeira de soldados recrutados em Hamburgo, a partir de 1851. Em sua maioria, eram vinculados a círculos acadêmicos e políticos. Nas colônias do Brasil, assumiram postos de liderança que contribuíram para o desenvolvimento local, “uma vez que as suas posturas críticas, liberais e anticlericais provocaram reações entre os teuto-brasileiros que tiveram incidência na incrementação das atividades culturais e na organização social e econômica” (SCHALLENBERGER, 2009, p. 208). Schröder (2003) aponta Karl von Koseritz como líder desse grupo.

e do canto. À medida que os alemães e seus descendentes buscavam a construção da sua própria identidade, não queriam isolar-se como grupo social – pelo contrário, “a identidade teria que ser referência social para caracterizar a sua singularidade na diversidade sociocultural” (SCHALLENBERGER, 2009, p. 214). Elas foram também muito numerosas.

Às vésperas da última guerra, as associações teuto-brasileiras ultrapassavam o número de 350. “Nacionalizadas”, sobreviveram, sobretudo nas colônias, onde exerceram papel importante. As associações rurais, que se multiplicaram até nas menores localidades, tinham muito mais importância que na Alemanha, porque representavam, com a Família e a Igreja, a terceira célula da vida dos colonos teuto-brasileiros; ordinariamente, foi pelo modo indireto da recreação que elas conservaram uma tradição cultural de origem alemã. Mas pode-se perguntar, ainda que pareça paradoxal, se não contribuíram para a adaptação dos colonos ao meio rio-grandense (ROCHE, 1969, p. 648).

O período mais profícuo para o associativismo teuto-brasileiro foi entre 1850 e 1942, de acordo com informações de Silva (2006). As razões para essa demarcação já foram parcialmente explicadas acima (a necessidade de os imigrantes acumularem excedentes antes de fundarem associações). Já o recrudescimento do espírito associativo, na década de 1940, foi influenciado pela Segunda Guerra Mundial e, posteriormente, pela Campanha de Nacionalização (SILVA, 2006).

Rambo (1988) aponta características importantes do associativismo teuto no Brasil. A tradição associativa não se encontrava apenas em grandes centros urbanos, mas também em comunidades mais afastadas e isoladas. Porém, quanto maior a cidade, mais diversificadas tornavam-se as associações. Nas pequenas comunidades e vilas, afastadas dos grandes centros de colonização, havia, em grande quantidade, corais populares, sociedades de tiro ao alvo, clubes hípicas e, com menos frequência, sociedades de bolão e de futebol. Por fim, a participação feminina também não era excluída. Pelo contrário, encontram-se diversas associações exclusivamente destinadas às mulheres, mesmo em atividades que, inicialmente, possam parecer mais masculinas, como o tiro ao alvo, por exemplo.

Outra vertente importante do associativismo teuto-brasileiro foi o cristão, cuja origem esteve fortemente vinculada ao pensamento social cristão, que teve o social-catolicismo da Alemanha como referência (SCHALLENBERGER, 2009). No início da República brasileira, já existia o temor de que haveria uma distinção muito acentuada entre Igreja e Estado, diminuindo a influência do setor clerical sobre a política e a

sociedade. Como forma de contornar a situação e angariar mais fiéis, os padres mobilizaram-se para uma série de ações, surgindo, assim, o que se chama de Restauração Católica, como explica Schallenberger (2009). Foi nesse contexto que se fundou a Sociedade União Popular, ou *Volksverein*, da qual falaremos mais adiante. Antes, no entanto, é necessário compreender o início do cooperativismo de crédito no Brasil, estritamente conectado aos propósitos da SUP e à revista *Sankt Paulusblatt*.

2.2 CAIXAS RURAIS: O ÍNICIO DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO NO BRASIL

O que se passava no sul do Brasil, no âmbito da imigração alemã, não deixa de ser uma reflexão do contexto global da época. Para Schallenberger (2008), o desequilíbrio social, gerado pela industrialização na Europa, e o conseqüente liberalismo econômico, promoveram deslocamentos humanos – forçando muitas pessoas a buscarem melhora de vida em outros países. Esse foi o caso da imigração alemã para o sul do Brasil, que enfatizamos na presente monografia. Os imigrantes foram acompanhados por alguns religiosos, “que desenvolveram junto a eles uma ação social, da qual resultou a organização de comunidades, associações, cooperativas e entidades assistenciais, caracterizando um processo social marcado pela conversão social da doutrina cristã” (SCHALLENBERGER, 2008, p. 213).

Esse processo pode também ser denominado de *catolicismo social*, conceituado por Schallenberger (2008) como doutrinas e estatutos sociais que fundamentam a sociedade à luz do cristianismo, regidas pela Igreja Católica. A partir daí, a Igreja toma uma posição frente aos novos modelos de organização social que estavam surgindo na época – no caso, metade do século XIX – com tensões geradas pelo capitalismo industrial.

Schallenberger (2008), porém, deseja aproximar o catolicismo social do sul do Brasil de um contexto global, que influenciou as práticas tomadas em solo rio-grandense. Intelectuais alemães já falavam da importância de uma intervenção na questão agrária, o que poderia estancar diversos problemas sociais – como defendiam dois advogados e políticos que deram expressividade ao social-catolicismo, Peter e August Reichensperger (SCHALLENBERGER, 2008). Porém, muitos intelectuais não aceitavam que o Estado intervisse na propriedade privada ou na ordem natural da formação da sociedade. A Igreja Católica teria, segundo Schallenberger (2008), muito

a contribuir com seu espírito comunitário. Ela visualizou, então, uma oportunidade para instituir um sistema cooperativo de trabalho.

Rambo (1988) explica que, a partir da última década do século XIX, a economia sul-rio-grandense tornara-se cada vez mais dependente da Europa. O suporte essencial da agricultura do sul do Brasil estava concentrado na produção de feijão, milho, batata, trigo, arroz, abóbora, criação de suínos e gado leiteiro. Era, como Rambo (1988) define, uma policultura de subsistência: o que não era consumido pelos próprios colonos era destinado ao comércio. Os preços mantiveram-se em um patamar atrativo durante muito tempo e, por acomodação, não se investiu em indústrias domésticas. Porém, São Paulo e Minas Gerais começaram a produzir alimentos, como café, feijão e milho, e os vendiam ao centro do país, intensificando a concorrência com os produtos gaúchos. A partir daí, delineou-se um quadro de crescente pobreza no sul do Brasil. Nesse contexto, lideranças católicas decidiram buscar uma solução. Realizou-se, com o objetivo de debater medidas, o primeiro *Katholikentag* (Dia dos Católicos, em tradução literal), em 1898, no distrito de Harmonia⁹, pertencente à cidade de Montenegro. Esses congressos aconteciam anualmente, como forma de debater questões cruciais aos católicos do sul do Brasil.

No terceiro *Katholikentag*, realizado em Santa Catarina da Feliz, em 1900, chegou-se à conclusão de que uma saída possível seria optar por um sistema de instituições de empréstimo, como as sociedades do tipo *Raiffeisen*, utilizadas com êxito na Alemanha, na Argentina e em outros países (RAMBO, 1988). Delineava-se os primeiros passos do cooperativismo no Brasil.

Conforme Noronha (1976), cooperativismo é definido como um processo pelo qual um grupo se une para criar uma poupança em comum com o objetivo de se desenvolverem social e economicamente, elevando seu padrão de vida, ao mesmo tempo em que beneficiam um grupo maior de pessoas, ou a sociedade em geral, “pelo aumento e barateamento da produção, do consumo e do crédito” (NORONHA, 1976, p. 15). É comum também apresentar o cooperativismo como uma terceira via ou terceira força, numa espécie de alternativa entre o capitalismo e o socialismo (SCHALLENBERGER, 2009; RAMBO, 1988, 2012b).

O pai do cooperativismo mundial é Robert Owen, cujo pioneirismo ocorreu na aldeia de Rochdale, no condado de Lancashire, na Inglaterra, em 1884 (NORONHA,

⁹ Harmonia emancipou-se de Montenegro em 13 de abril de 1988.

1976). Owen criou uma indústria e ofereceu participação nos lucros aos seus operários, propiciando escola aos filhos deles e atraindo, assim, mão-de-obra qualificada.

No Brasil, a origem do cooperativismo remonta a 1902, quando o padre suíço Theodor Amstad¹⁰ criou, em Nova Petrópolis (RS), a primeira *Caixa Rural Raiffeisen*¹¹. Considerado o pai do cooperativismo de crédito no Brasil, ele registrou, em suas memórias autobiográficas: “Desde que cheguei ao Brasil, ocupava-me com o plano de, neste belo e rico país, descobrir a modalidade de fundar uma verdadeira ação associativa, que fosse de utilidade comunitária” (AMSTAD, 1981, p. 196). O cooperativismo chegou aos brasileiros, portanto, na figura do Crédito Agrícola Cooperativo (NORONHA, 1976), em um contexto de catolicismo social, profundamente marcado por desigualdades econômicas e sociais (SCHALLENBERGER, 2008; 2009). Hoje, as Caixas Rurais fundadas por Amstad ainda existem, mas sob o nome de Sicredi Pioneira. Santos (2013) acredita que Amstad tenha tido conhecimento do caso de Rochdale durante sua formação na Inglaterra.

As ideias apresentadas no III *Katholikentag*, em 1900, portanto, “representaram as sementes que iriam gerar, nas décadas seguintes, uma potente rede de instituições de crédito, conhecidas com o nome de Caixas Rurais, inspiradas no sistema *Raiffeisen*” (RAMBO, 1988, p. 83, grifo nosso). Nesse evento, fundou-se, também, a *Bauernverein*¹², ou Associação Rio-Grandense de Agricultores, uma associação interconfessional que se ocupou de problemas como a “promoção da vida associativa, assistência social, formação de poupança e crédito agrícola, colonização e melhorias no universo da produção familiar” (SCHALLENBERGER, 2008, p. 226). Em 1909, devido a tentativas de interferência do Estado, a associação transformou-se em sindicato.

¹⁰ Em muitos casos, o nome desses padres é grafado com a sigla S. J. ao final, enfatizando que eles eram jesuítas. Na presente monografia, escreveremos apenas o nome.

¹¹ Cf. Santos (2013, p. 36), as Caixas Rurais, inspiradas no modelo *Raiffeisen*, eram destinadas aos pequenos poupadores rurais, “possibilitando-lhes depositar com segurança e sacar empréstimos a juros razoáveis para as mais diversas necessidades”. O modelo foi criado por Friederich Wilhelm Raiffeisen.

¹² Por alguns autores, é grafada como *Bauerverein*, sem o “n”. Adotamos a grafia com o “n” por ser encontrada com mais frequência, mas as duas são corretas.

Conforme Schallenberger (2008), para os luteranos, a conversão do *Bauernverein* ao sindicalismo não causou impacto, diferente do que ocorreu ao social-catolicismo.

De um lado, os católicos reassumiram com vigor a bandeira do catolicismo-social, fundando, em 1912, a Sociedade União Popular para os Alemães Católicos do Rio Grande do Sul, com o objetivo de organizar e fortalecer as comunidades étnicas e confessionais e de orientar e coordenar todas as atividades dos católicos no campo religioso, educacional, sociocultural e político-econômico. De outro, surgiu, em 1929, a Liga das Uniões Coloniais, como resultado da congregação das Uniões Coloniais remanescentes da Associação Rio-Grandense de Agricultores (SCHALLENBERGER, 2008, p. 227).

Segundo Gertz (1992 citado por SCHALLENBERGER, 2008)¹³, o social-catolicismo ganhou sentido político e materialidade através da Sociedade União Popular – ou *Volkverein*, como chamada entre os colonos e associados. É nela que nos deteremos a partir de agora, para entender, posteriormente, a revista *Sankt Paulusblatt*.

2.3 A SOCIEDADE UNIÃO POPULAR: UMA PROPOSTA SOLIDÁRIA

Como arrolado até o presente momento, a Sociedade União Popular, inspirada no modelo de catolicismo social da Alemanha (SCHALLENBERGER, 2009), está inserida em um contexto muito maior de promoção social e de regime de cooperação e solidariedade (RAMBO, 2012). Rambo (2012a) conta que a SUP foi fundada em 26 de fevereiro de 1912, em Venâncio Aires, no IX *Katholikentag*. Schallenberger (2009) enfatiza que a sociedade foi criada com o objetivo de unir os católicos do sul do Brasil e dar-lhes direção única, além de continuar a promover o desenvolvimento social e econômico das colônias de forma cooperativa. Para manter os associados a par dos acontecimentos, fundou-se, na mesma ocasião, a revista *Sankt Paulusblatt*, uma espécie de porta-voz oficial da SUP com seus associados.

A experiência interétnica e interconfessional da *Bauernverein* foi de extrema importância, mas se passou “a entender que a organização de comunidades étnica e confessionalmente homogêneas reforçaria a coesão social, permitiria a recriação

¹³ GERTZ, René E. Catolicismo social do Rio Grande do Sul: a União Popular. *Veritas*, Porto Alegre: PUCRS, v. 37, n. 148, p. 553-579, dez. 1992.

constante da etnicidade e facilitaria o trabalho pastoral” (SCHALLENBERGER, 2009, p. 269-270). Rambo (2012a), contudo, diz que a opção por critérios confessionais e étnicos diminuiu muito o brilho da proposta inicial, que era centrada na Associação de Agricultores.

Os estatutos de 1912, da SUP, ainda eram provisórios e os definitivos foram aprovados em 1914. No final do primeiro ano, a sociedade contava com 7.000 associados e, dois anos mais tarde, após sua aprovação peremptória, com 9.000 (RAMBO, 2012a). Em relação à organização da sociedade, concedeu-se autonomia a distritos e localidades.

Cada paróquia que servia de núcleo, ou base local da Sociedade, formava um distrito. Nos distritos, as comunidades reunidas em torno das capelas e escolas formavam uma secção. Várias secções constituíam um grupo local. Da reunião de todas as secções, grupos locais e distritos paroquiais resultava a Sociedade como um todo (RAMBO, 2012a, p. 68).

Schallenberger (2009, p. 277) detalha que a ascensão social dos associados “dar-se-ia através da escola, da divulgação de boas leituras e da criação de bibliotecas, da realização de reuniões de informação e de formação, da organização de caixas de empréstimo e de depósito e de associações beneficentes”. Cada comunidade deveria dar conta das necessidades locais, enquanto o escritório central da SUP, em Porto Alegre – que se constituiria como local de acompanhamento e aconselhamento –, poderia se ocupar com a satisfação dos católicos alemães.

A SUP também, desde o início, admitiu a participação de jovens acima de 18 anos e de mulheres, o que Rambo (2012a) frisa ser um indicativo de que a associação não pretendia ser um instrumento de tutela sobre o povo católico. Além disso, a *Volksverein* do Rio Grande do Sul não pretendia ser uma cópia das *Volksvereine* da Alemanha, da Suíça e da Áustria, pois essas associações internacionais resultaram da união de todas as outras em uma federação. Mesmo que a *Volksverein* do Rio Grande do Sul fosse caracterizada como uma união pelos católicos, desde sua criação, o padre Amstad propôs que o ideal seria cooperar por tudo o que fosse do interesse comum e que as diferenças fossem deixadas de lado (RAMBO, 2012a).

A decisão de os jesuítas assumirem tarefas que, teoricamente, deveriam caber ao governo, deu-se porque não confiavam na atuação do Estado em função de diversos acontecimentos históricos – dentre os quais podemos incluir sua expulsão

de Portugal e da Espanha, no período colonial, e da Alemanha, por Bismarck, além do ensaio de uma constituição anticlerical, no início da República brasileira (SCHALLENBERGER, 2009).

Após o *Katholikentag* no qual se criou a SUP, a empolgação foi tamanha que, em três semanas, haviam sido fundados sete distritos, somando 2.667 associados (RAMBO, 2012a). Para motivar as comunidades a se engajarem, o padre Amstad visitava localidades, onde se reunia com os moradores para decidir a fundação ou não de um distrito, após a celebração de uma missa. Se a resposta fosse positiva, colhia as assinaturas, deixava a cargo de um professor o papel de manter unidos todos os colonos, montava em sua mula e seguia para outro distrito (RAMBO, 2012a). Amstad foi o primeiro secretário-viajante ou secretário-itinerante (*Reisesekräter*) da SUP. Para Silva (2006), os padres que mais tiveram influência sobre a população germânica foram aqueles que exerceram essa função, pois tinham facilidade de difundir suas ideias ao percorrem o interior das colônias no lombo de uma mula.

De acordo com Rambo (2012a), entre os projetos sociais desenvolvidos pela SUP, ao longo dos anos, estão uma agência de empregos – criada para ajudar os teuto-brasileiros após a Primeira Guerra Mundial –, assistência jurídica para auxiliar os associados com questões legais; a construção de um asilo e de um hospital em São Sebastião do Caí; de um leprosário, em Itapuã, e de um orfanato, em Santa Cruz, construções todas que foram custeadas pelo dinheiro das Caixas Rurais. A questão ambiental também era uma preocupação constante da sociedade – e assunto recorrente na *Sankt Paulusblatt*. Além disso, a SUP abriu fronteiras de colonização (como em Porto Novo – Itapiranga).

Rambo (2012a) desmembra a história da SUP até 1960 em quatro fases. A primeira, que se estende de 1912 a 1923, se divide em três períodos: o primeiro, de 1912 a 1914, compreende a elaboração dos estatutos. O segundo vai de 1915 a 1923 e teve o padre Theodor Amstad como figura central, pois ocupou o cargo de diretor, secretário-viajante e secretário-geral. O terceiro período compreende os anos em que o Brasil declarou guerra à Alemanha e, como consequência, foi proibida a circulação de revistas, periódicos e jornais em língua alemã, além de suspensas reuniões com maior número de pessoas e do uso da língua alemã em público.

Ainda conforme Rambo (2012a), de 1923 a 1940, foi a fase de maior brilho da SUP, quando se implantou e se consolidou a colonização de Porto Novo e se concretizaram as obras de maior envergadura da sociedade, como as descritas acima

(criação do leprosário, do hospital, do asilo...). A terceira fase, que vai de 1940 a 1947, corresponde ao que Rambo (2012a) caracteriza como “anos de chumbo”, devido à Segunda Guerra Mundial e à Campanha de Nacionalização. A quarta fase, por fim, vai de 1947 a 1960, e corresponde à retomada das atividades da associação e da alteração dos estatutos (a SUP deixou de ser étnica, sua língua oficial mudou do alemão para o português e passou a ser exigida a presença de um integrante vinculado à Igreja Católica na diretoria).

Hammes (2012), ao escrever sobre o período que vai de 1960 a 1989, destaca realizações da entidade no âmbito do aperfeiçoamento profissional que ofereceu a agricultores, através do envio de estudantes para estágio na Alemanha, da criação do Centro de Treinamento Agrícola em São Sebastião do Caí e da retomada dos *Katholikentage*, que haviam sido suspensos com a Segunda Guerra Mundial. Em 1989, contudo, houve um impasse, sobretudo com a revista *Sankt Paulusblatt*. Seibt (2012), ao descrever a transferência da SUP para Nova Petrópolis, afirma que a decisão antecedeu os problemas com a revista, gerados com o pedido de demissão do responsável pela redação, José Rücker, por problemas de saúde.

Conforme Seibt (2012, p. 159), “a repressão política do ‘Estado Novo’ havia causado um enfraquecimento geral das entidades comunitárias do país, especialmente nas regiões coloniais alemãs e italianas”. Para não deixar as atividades da *Volksverein* serem suspensas ou extintas, criou-se, em Nova Petrópolis, a Fundação Theodor Amstad, como filial da Sociedade União Popular, cuja sede era em Porto Alegre. As atividades da redação da *Sankt Paulusblatt* foram assumidas por um grupo em Nova Petrópolis. Em 1991, fundiu-se a Associação Theodor Amstad com a SUP, resultando na Sociedade União Popular Theodor Amstad. Em 2005, outra modificação. Seibt (2012) explica que, para adequar-se às novas legislações federais, a entidade deveria passar a ser uma associação. Por fim, passou a chamar-se Associação Theodor Amstad, denominação que prevalece até hoje.

As atividades que a SUP desenvolvia no passado, todavia, não são mais realizadas no presente, em grande parte porque suas atribuições foram assumidas por outras instâncias, como governos e sindicatos. Além disso, como veremos a seguir, a Campanha de Nacionalização, instituída por Getúlio Vargas, teve um impacto muito forte na atualidade: não se fala mais a língua alemã com a mesma frequência no interior do Rio Grande do Sul, o que diminuiu o interesse por uma associação que se ocupasse com questões referentes à preservação da cultura alemã e que zelasse

pelos agricultores das áreas coloniais. Aos poucos, a Sociedade União Popular foi perdendo seu espírito original – preservando apenas a publicação mensal da revista *Sankt Paulusblatt*¹⁴.

2.3.1. Diretoria ao longo dos anos

Como as atividades da Sociedade União Popular começaram com uma estrutura provisória, em fevereiro de 1912, o primeiro presidente foi Hubert Selbach que, em novembro do mesmo ano, já solicitou sua substituição. Em função disso, o padre Theodor Amstad exerceu a função cumulativamente à de secretário-itinerante até 1914, na aprovação definitiva dos estatutos (SCHALLENBERGER, 2009). Na obra de Schallenberger (2009), ele compila todos os presidentes da SUP até 1940. Depois desse período, há uma lacuna nos dados bibliográficos sobre os presidentes da SUP, sendo retomados apenas a partir de 1957.¹⁵

Em março de 1914, Josef Gertum foi eleito presidente da SUP, em um *Katholikentag* (ocasiões nas quais ocorriam as assembleias gerais da associação e onde se votava a diretoria). O padre Theodor Amstad assumiu como secretário-geral e o secretário-itinerante passou a ser Josef Otten. Em 1916, foi a vez de Mathias Flach Filho assumir a presidência – ocasião também na qual se decidiu centralizar as atividades da entidade em Porto Alegre e ano no qual se fundou a Caixa Central, uma espécie de união das Caixas Rurais.

Com a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial, as atividades da SUP foram reduzidas, em meados de 1917, e retomadas com vigor apenas em 1920, na Assembleia de Delegados da entidade, em Lajeado. Na ocasião, o padre Johannes Rick foi indicado para secretário-geral e secretário-itinerante, no lugar do padre Amstad. Mesmo enfrentando resistências, foi reconfirmado nas funções em 1922. Padre Amstad foi indicado para a coordenação dos trabalhos da Central da SUP, em Porto Alegre. Não há registro de troca de presidentes no período.

A partir de 1924, sob a presidência de Jakob Becker, a preocupação da SUP passou a ser maior em relação a uma interlocução com o Estado. Em 1926, a entidade

¹⁴ Detalhes referentes à revista serão estudados no terceiro capítulo.

¹⁵ Para que pudéssemos preenchê-las, teríamos de nos debruçar sobre todas as revistas SPB já publicadas, procurando essas informações. No entanto, o tempo reduzido para a elaboração desta monografia não nos permitiu isso. Fica o registro dos dados disponíveis e a provocação para que, futuramente, outro pesquisador finalize a compilação dos nomes.

tomou contornos menos clericais, com a recondução de Becker ao posto máximo e a crescente participação de leigos, o que evidencia uma mudança de postura da SUP. Tornou-se, assim, uma “organização dos católicos, para promover a religião e a cultura e fomentar o desenvolvimento comunitário dos teuto-brasileiros” (SCHALLENBERGER, 2009, p. 323). Em 1934, a presidência passou a Leopoldo Petry. Na ocasião daquele XVI Congresso de Católicos, houve uma polêmica envolvendo supostas cobranças de propinas na colonização de Porto Novo. O acusado era o secretário-geral Albano Volkmer, que processou o acusador por danos morais. A confusão ameaçou a solidez da SUP e resultou na renúncia do padre Amstad da direção da revista *Sankt Paulusblatt*.

Em 1936, Leopoldo Petry foi reconduzido ao cargo de presidente e o secretário-geral passou a ser João Albino Both. Dois anos depois, a presidência passou a Robert Kohlund. Em 1940, foi a vez de Waldemar Moesch ser eleito presidente da entidade. Todavia, a Segunda Guerra Mundial interrompeu as atividades da SUP em relação à imprensa e às escolas, mas manteve suas ações sociais, como as Caixas Rurais e o hospital e o asilo de São Sebastião do Caí (SCHALLENBERGER, 2009).

Conforme Hammes (2012), Willy Carlos Fröhlich foi eleito presidente da SUP, em 1957, e exerceu o cargo até 1959. De 1959 a 1974, assumiu Rodolfo Englert. Hammes (2012) – que desde 1989 é o jornalista responsável pela SPB¹⁶ - considera que os pontos altos da administração de Englert foram a retomada dos *Katholikentage* – suspensos na Segunda Guerra Mundial –, o envio de jovens para estágios de aperfeiçoamento profissional na Alemanha, o Centro de Treinamento Agrícola, em São Sebastião do Caí, e uma edição do *Anuário Agrícola*, editada por Hugo Hammes, com tiragem de 30 mil exemplares, que se esgotou rapidamente (HAMMES, 2012).

De 1974 a 1989, o presidente foi Antônio Kaspary, que, segundo Hammes (2012), teve especial preocupação com o hospital de São Sebastião do Caí. Com o pedido de afastamento de seu redator na época, José Rücker, a revista foi suspensa por Kaspary (HAMMES, 2012).

Como arrolado no subcapítulo anterior, as atividades da SPB passaram a Nova Petrópolis, para a Associação Theodor Amstad, da qual o presidente foi Walter Seger,

¹⁶ Hoje, Hugo Hammes é o jornalista responsável por uma questão legal, pois é formado em Jornalismo pela PUCRS. Porém, quem cuidava da redação da revista era sempre outra pessoa que não necessariamente tinha o diploma da profissão. Hammes esteve, porém, envolvido com a SUP desde 1957, geralmente em cargos administrativos.

de janeiro de 1989 a junho de 2009¹⁷ (WEBER, 2015). De julho de 2009 a dezembro de 2013, João Pedro Mallmann esteve à frente da entidade, passando o cargo a Cláudio José Weber em janeiro de 2014, que deve permanecer até dezembro de 2016.

2.4 IMPACTO DE FATORES HISTÓRICOS SOBRE OS TEUTO-BRASILEIROS

Os colonos teuto-brasileiros foram profundamente afetados por fatores históricos, sobretudo no século XX. Com a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, surgiu um sentimento de desconfiança em relação a eles. Em função de esses anos abrangerem o período de atuação da SUP, é importante entender como atingiram os imigrantes e descendentes de alemães, a entidade e a revista SPB.

Rabuske (1994) afirma que nacionalizar os imigrantes alemães tem sido uma preocupação constante do governo brasileiro, desde 1824, embora esse desejo tenha se tornado mais visível e tomado proporções práticas nas duas grandes guerras. Na visão de Pistoia (2014), quando nações se envolvem em atritos de grande amplitude, populações de todos os países envolvidos sentem seus reflexos. Por isso, foi compreensível que, a partir de abril de 1917, quando o Brasil assumiu uma posição e rompeu com a Alemanha, durante a Primeira Guerra, os descendentes de alemães e os chamados alemães natos, que residiam no Rio Grande do Sul, tivessem sofrido consequências.

O governo brasileiro determinou, na ocasião, a suspensão de todas as publicações redigidas em língua alemã e decretou a fiscalização de escolas germânicas, além de obrigar associações a reescreverem seus estatutos em português. Para suprir o déficit de ensino que encontraram ao chegar no Brasil, os alemães criaram muitas escolas nas colônias, que o governo não fechou porque não teria como atender à demanda, mas propagou a “naturalização pela escola”, como define Pistoia (2014) – método pelo qual o Estado poderia forçar os alunos que ainda não sabiam falar português a aprenderem a língua. Rambo (2012a) registra que, no âmbito da Sociedade União Popular, o que mais a afetou foi a proibição de publicações em língua alemã, do uso do idioma em público e as restrições a encontros e reuniões, o que levou à suspensão da pregação em língua germânica no período.

¹⁷ As informações sobre os presidentes da Associação Theodor Amstad e dos coordenadores da SPB, a partir de 1989, foram fornecidas a nós, por *e-mail*, pelo administrador da Associação, Clóvis Weber, em 03 de setembro de 2015.

A naturalização forçada dos teutos ocorreu, de maneira incisiva e em larga escala, só durante a Segunda Guerra Mundial e no contexto de uma ditadura que ficou conhecida como Estado Novo¹⁸, com o golpe de Getúlio Vargas, em 1937. Segundo D'Araújo (2000), mesmo que houvesse uma afinidade entre a ditadura estabelecida no Brasil e o nazismo, os alemães (tanto natos quanto descendentes) ainda assim sofreram retaliações e foram alvo da Campanha de Nacionalização instaurada no país todo. Temia-se que o grupo teuto representasse uma espécie de “poder paralelo” – o que Gertz (1992) define com a expressão “perigo alemão”. A nacionalização do ensino ocorreu em larga escala, nos cantos mais remotos do país – o que não era, segundo D'Araújo (2000), uma novidade, mas com o Estado Novo houve terreno mais fértil para aplicar essas medidas. Isso resultou no fechamento de diversas escolas alemãs.

Neumann e Petry (2005) afirmam que a pluralidade étnica deveria ser eliminada do Brasil, na tentativa de inventar um modo de ser brasileiro único e homogêneo. O Estado Novo criou um departamento encarregado exclusivamente de fazer a propaganda do regime (D'ARAUJO, 2000) e quem não fosse cooptado por ela sofria ameaças veladas e, muitas vezes, diretas (NEUMANN e PETRY, 2005). O preconceito também era mais acentuado para com imigrantes e descendentes dos países do Eixo (Itália, Alemanha e Japão), ao qual o Brasil declarou guerra, em 1942.

No Rio Grande do Sul, devido ao maior número de descendentes teutos e à ascensão do nazismo, os alemães foram os mais atingidos pela Campanha de Nacionalização (NEUMANN e PETRY, 2005; SEITENFUS, 2000). Seitenfus (2000) registra que, em 1940, o número de brasileiros natos que falavam o alemão como língua principal em terras rio-grandenses era de 393.934¹⁹.

Na década de 1940, portanto, os descendentes teutos foram novamente proibidos de distribuir escritos em língua alemã, cantar ou tocar o hino germânico, usar o idioma alemão em locais públicos, como cafés, restaurantes, lojas etc., e de pendurar o retrato dos líderes políticos da Alemanha (NEUMANN e PETRY (2005). No fim do Estado Novo, os autores registram que a Campanha foi considerada um sucesso.

¹⁸ O Estado Novo foi amplamente explorado em diversos livros. Devido à escassez de tempo e espaço, não explicaremos detalhadamente esse período. Os acontecimentos são muito mais complexos do que podemos abarcar nesta monografia e buscamos focar nas consequências que os imigrantes alemães sofreram. Para mais informações a respeito do Estado Novo, consultar: D'ARAUJO, Maria Celina. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

¹⁹ Cf. recenseamento do IBGE, em 1940, citado por SEITENFUS, 2000, p. 35.

3 NOTÍCIAS DA COLÔNIA, DO BRASIL E DO MUNDO: A IMPRENSA BRASILEIRA EM LÍNGUA ALEMÃ

Esta breve reflexão sobre a imprensa alemã no nosso Estado representa apenas um ramo, se comparado com a gigantesca árvore da imprensa de nossa terra de origem. O ramo, contudo, dá sinais de ter as melhores condições de se desenvolver num vigoroso galho, capaz de produzir novos ramos, novas flores e novas folhas. Apoiar a imprensa alemã na medida das possibilidades deve e deverá ser sempre a tarefa de todo e qualquer habitante de descendência alemã do Rio Grande do Sul. Estejamos convencidos de uma coisa: A germanidade do Rio Grande do Sul vive ou morre com a imprensa alemã (CEM anos de germanidade..., 1999, p. 301).

A imprensa brasileira em língua alemã é muito mais profícua e extensa do que a historiografia até agora conseguiu contemplar. As pesquisas no âmbito da Comunicação Social são praticamente nulas: apenas alguns historiadores debruçaram-se sobre o tema com um pouco mais de afinco, embora tenham, na maior parte das vezes, analisado as publicações mais como um documento histórico para compreender o contexto de uma época do que para apreender aspectos comunicacionais e de imprensa.

Dreher (2004) registra que, embora os estudos sobre a imigração para o Brasil e para a América Latina sejam significativos, a lacuna sobre a imprensa ainda deve ser preenchida. Algumas pesquisas limitaram-se a listar as publicações brasileiras que foram redigidas por e para imigrantes alemães – e o que se percebe é a extensão do número delas. Porém, ainda há outro universo a ser desvelado: imigrantes árabes, italianos e japoneses, por exemplo, também se ocuparam com a imprensa no Brasil e produziram um significativo acervo (DREHER, 2004).

Lesser (2001) pontua que os sírio-libaneses, por volta de 1945, haviam produzido 97 jornais e revistas em São Paulo. Os japoneses, por sua vez, imprimiam seus jornais em gráficas bem sofisticadas e contavam com jornalistas experientes entre os imigrantes. Em 1918, havia três jornais em língua japonesa circulando em São Paulo. Conforme Lesser (2001, p. 168), a etnia nipo-brasileira surgiu através dessas publicações, porque “frequentemente incluíam informações tiradas de jornais brasileiros, que não chegavam ao interior [...] além disso, ofereciam espaço para formas culturais específicas da vida dos imigrantes no Brasil”.

Giron e Pozenato (2003) contabilizam que, entre 1897 e 1997, foram publicados, na região da Antiga Colônia Italiana do Rio Grande do Sul, 15 jornais em

língua italiana, sendo que alguns provenientes da Itália também circularam pela região. A maioria foi fundada pela Igreja Católica – o que era habitual em uma região colonial europeia (GIRON e POZENATO, 2003).

Gertz (2004) listou todas as publicações em língua alemã que circularam no Rio Grande do Sul entre 1852 e 1941²⁰ – exceto os almanaques – e contabilizou 144 jornais e revistas entre esse período, número bem mais significativo do que qualquer outra etnia. No que se refere à imprensa em língua alemã antes do período de 1941, Gertz (2004) destaca a existência de três tipos de publicações: almanaques²¹, jornais e revistas. O mesmo autor admite, no entanto, que, hoje, o conceito de *imprensa em língua alemã* foi ampliado e abarca também a televisão e o rádio, que foram muito difundidos em Santa Catarina – especialmente em Blumenau. Ainda assim, há carência de estudos nesse âmbito e a maior parte das pesquisas se concentra apenas no jornalismo impresso.

Rambo (1994b) salienta que a imprensa dos imigrantes alemães foi o elemento responsável por torná-los brasileiros, através do incentivo ao aprendizado da língua portuguesa e à integração na sociedade. Ao estabelecerem-se no Brasil, os imigrantes deram importância a três áreas: educação, religião e imprensa.

Em qualquer uma dessas atividades e dessas preocupações, os alemães desenvolveram, desde muito cedo, uma imprensa rica e diversificada, posta a serviço do empreendimento colonizador. Desta forma, caracterizou-se a imprensa teuto-brasileira como o instrumento por excelência dos imigrantes alemães para assegurar o êxito de suas intenções em terras brasileiras. E a intenção desses imigrantes foi marcada, desde o início, pela decisão de adotá-la como sua (RAMBO, 1994b, p. 77).

O autor divide a imprensa em língua alemã da seguinte forma: jornais, revistas, almanaques e periódicos (RAMBO, 1994a). No último item ele enquadra as publicações de associações, dentre as quais existiram o *Bauernfreund*, como meio de difundir as atividades da Associação Rio-Grandense de Agricultores (*Bauernverein*),

²⁰ Para formular a lista, ele consultou a obra CEM Anos de Germanidade... (1999) e também um estudo sobre a imprensa na língua germânica desenvolvido em todo o continente americano: ARNDT, Karl J. R.; OLSON, May E. **Die deutschsprachige Presse der Amerikas**, 1732-1965. Pullbach bei München: Verlag Dokumentation, 1973.

²¹ Como os almanaques não constituem o foco desta pesquisa, não nos deteremos muito em explicá-los. Conforme Grützmann (2004), os *Kalender* ou *Jahrweiser* eram uma produção impressa, editada anualmente, que sempre levava um calendário e se destinava à formação e informação dos leitores. Trazia informações sobre agricultura, esotérico, fases da lua, santos e datas festivas, por exemplo. Era mais acessível aos imigrantes e descendentes que queriam saber das notícias importantes e adquirir cultura, uma vez que era mais barato do que livros.

que circulou de 1900 a 1914. A Associação dos Professores e Educadores Católicos do Rio Grande do Sul (*Deutscher Katolischer Lehrerverein von Rio Grande do Sul*) publicou, desde 1900, o *Mitteilungen*, que passou a se chamar *Lehrerzeitung*, a partir de 1907, existindo até 1939. Houve também o *Allgemeine Lehrerzeitung*, que foi a publicação oficial da Associação de Professores Evangélicos. Rambo (2003, p. 89) enquadra também a *Sankt Paulusblatt* como um periódico de associação, dizendo que “constitui-se num dos meios mais importantes de formação e informação dos teuto-católicos do Sul do Brasil”.

A preocupação com a imprensa aparecia com frequência nos Congressos Católicos (*Katholikentage*) organizados por padres jesuítas alemães, conforme Werle (2004). Nos eventos, eram debatidas a má imprensa, a imprensa dos alemães católicos e traçadas estratégias para a difusão do conhecimento através da mídia destinada aos imigrantes e colonos. Era frequente o aparecimento do tema em palestras e resoluções, o que mostra a importância que católicos jesuítas davam à difusão de notícias e de conhecimento (WERLE, 2004).

Por meio da bibliografia sobre a imigração alemã, disponível até agora, não é possível traçar um panorama seguro e completo da imprensa brasileira no idioma germânico. Para que isso pudesse ser feito, seria necessário um estudo empírico, focando na importância numérica dessas publicações e no alcance junto aos teuto-brasileiros (GERTZ, 2004). Embora um dos estudos mais recentes sobre o tema seja uma pesquisa da Alemanha, escrita por Martin Wolff (2010), ainda restam lacunas que só uma pesquisa mais detida poderá preencher. Além disso, desde 2010, muitos jornais e revistas em língua alemã fecharam no Brasil, o que torna a pesquisa de Wolff (2010) defasada em alguns aspectos.

Rambo (2003) enumera diversas características da imprensa teuto-brasileira. Tratava-se, segundo ele, de uma imprensa voltada à formação e informação de seus leitores; as matérias publicadas alinhavam-se a três vertentes: liberalismo, protestantismo e catolicismo – era ínfimo o número da imprensa não-engajada; era uma imprensa produzida no Rio Grande do Sul e comprometida com o dia a dia dos leitores, preocupando-se em inseri-los na nova pátria.

Caparelli (1980) chega a conclusões similares: a imprensa teuto-brasileira teve papel fundamental na manutenção da cultura germânica; reforçou valores do catolicismo, do protestantismo e do liberalismo – cada vertente com seu veículo de

informação; e os imigrantes buscaram maior integração política utilizando-se da imprensa.

3.1 SURGIMENTO E DIFUSÃO DOS JORNAIS E REVISTAS EM LÍNGUA ALEMÃ

Contrariamente à tendência de preservação do idioma alemão nas colônias – estudada no segundo capítulo – o primeiro jornal que surgiu era escrito em português. Publicado a partir de 1836, *O Colono Alemão* buscava influenciar a integração dentro dos ideais da Revolução Farroupilha (CAPARELLI, 1980). Em virtude de o público a que o jornal se destinava ser, em sua maioria, analfabeto ou desconhecer a língua portuguesa, ele teve 38 exemplares e foi encerrado por falta de assinantes. Embora ainda tenha surgido o jornal *O Povo*, igualmente destinado aos imigrantes teutos, eles só começaram a participar politicamente da vida brasileira em 1846 (CAPARELLI, 1980) e, por isso, nenhum jornal até aí vingou.

O primeiro jornal impresso em língua alemã foi o *Der Kolonist* (ROCHE, 1969), lançado em 1852, em Porto Alegre, por José Cândido Gomes, brasileiro que também era redator do *Mercantil*. Ele esperava, com o jornal, conquistar influência entre os colonos alemães de São Leopoldo, visando às próximas eleições. Gomes, contudo, redigia os artigos em português e um colaborador os traduzia. Para Roche (1969), ele não foi aceito pelos colonos por não ser redigido num sentido verdadeiramente alemão, embora tenha prestado um serviço com informações sobre a legislação brasileira, comércio, indústria e agricultura.

Conforme Roche (1969), a tentativa seguinte também não foi exitosa: o *Der Einwanderer*²², lançado em 1854, mesmo com um redator alemão, não durou mais de um ano. Apenas quando uma sociedade, composta sobretudo por *Brummers*, comprou as instalações do *Einwanderer*, e lançou o *Deutsche Zeitung*, é que a imprensa direcionada aos imigrantes alemães emplacou – principalmente a partir de 1864, quando a redação deste último jornal passou a Karl von Koseritz²³. O jornalista

²² A própria nomenclatura dos jornais não é unânime entre os pesquisadores. Dreher (2004) utiliza *Der deutsche Einwanderer* (O imigrante alemão) e também *Der Colonist*, em vez de *Kolonist*, como preferiu Roche (1969). Em relação ao último nome, os dois estão corretos – inicialmente, era grafado com C e, posteriormente, com K. Dreher (2004, p. 93) também completa o nome do *Kolonist* com a frase “*Wochenblatt für Handel, Gewerbe und Landbau* (Semanário para comércio, indústria e agricultura)”.

²³ Jornalista de maior expressão entre os teuto-brasileiros, ainda hoje deixa marcas na imprensa brasileira. Nasceu em 1832. Estudou Direito em Heidelberg, desistindo dos estudos em 1851 e tornando-se marinheiro. Chegou ao Brasil como grumete, ingressando no Exército brasileiro como canhoneiro. Participou da guerra contra Rosas, tornou-se professor, diretor de escola, em Pelotas, e

é descrito como a “mais eminente e interessante personalidade dos quadros da colonização alemã no Rio Grande do Sul, até o fim do Império” (ROCHE, 1969, p. 659). Em 1881, Koseritz fundou seu próprio jornal, o *Koseritz' Deutsche Zeitung* (Jornal alemão de Koseritz), de acordo com Dreher (2004).

Para fazer oposição a Koseritz, surgiu o *Der Bote: Amtliches Blatt für St Leopoldo und die Colonien* (O mensageiro: Folha oficial para São Leopoldo e as Colônias)²⁴, fundado e editado por Julius Curtius Filho (DREHER, 2004). Em comum com o jornal de Koseritz, o *Der Bote* também era anticlerical e combatia o *Deutsches Volksblatt*, fundado por jesuítas, em 1871. Wilhelm Rotermund auxiliou Curtius e redigiu o *Der Bote* até 1875, conferindo-lhe uma orientação evangélico-luterana. Ele encerrou suas atividades em 1879.

Rotermund adquiriu uma tipografia, em 1877, onde editou, desde 1880, o jornal *Deutsche Post*, um dos mais representativos da linha luterana. Nas páginas da publicação, Rotermund defendia os interesses evangélicos e teutos, lutando por direitos políticos, culturais e étnicos (DREHER, 2004). Inicialmente, o jornal era bissemanal, passando a ser trissemanário e, a partir de 1914, diário. Circulou até 1928. Dreher (2004, p. 96) define o *Deutsche Post* como “um dos mais importantes documentos da cultura teuto-rio-grandense e da história da imigração alemã. Os longos necrológios [...] são de vital importância para estudos genealógicos. Os anúncios [...] para o estudo da economia”. Percebe-se, a partir daí, a importância da imprensa teuto-brasileira para a compreensão histórica do país e da imigração alemã.

Do lado católico, surgiu o *Deutsches Volksblatt*, produzido em São Leopoldo, de 1871 a 1890, e depois transferido para Porto Alegre (CEM anos de germanidade..., 1999). Quando o jornal se tornou o porta-voz oficial do Partido Católico do Centro, passou à Typographia do Centro, uma sociedade anônima cujos redatores foram Clemens Wallau, Hugo Metzler e Josef Koenig. Foi na Typografia do Centro que, mais tarde, imprimir-se-ia a *Sankt Paulusblatt*. Na época da escrita do livro Cem anos de

casou-se com uma brasileira (SCHRÖDER, 2003). Em 1856, fundou um jornal próprio, intitulado *Noticiador*. Desde 1858 editou o primeiro jornal diário de Pelotas, *Brado do Sul*. Foi redator do *Echo do Sul* em 1862 e, dois anos mais tarde, assumiu a direção do *Deutsche Zeitung*, em Porto Alegre. Simultaneamente era editor do jornal *Rio Grandense* e, por algum tempo, da *Gazeta de Porto Alegre*, do *Jornal do Commercio* e da *Reforma*. “Por causa de seu materialismo teórico, colidiu, mais tarde, com os representantes das Igrejas evangélica e católica” (SCHRÖDER, 2003, p. 159), mas, como advogado, fez justiça a muitos alemães no município de São Leopoldo.

²⁴ Surge, aqui, outra divergência envolvendo o nome da publicação. Na obra Cem anos de germanidade... (1999), o jornal é nomeado de *Boten von São Leopoldo*.

germanidade..., oficialmente lançado em 1924, o *Deutsches Volksblatt* era o jornal teuto-brasileiro mais antigo em circulação do Rio Grande do Sul.

Há outros jornais que foram representativos, mas os acima citados foram os principais entre as três vertentes ideológicas: liberalismo, protestantismo e catolicismo. Silva (2006) afirma que as lideranças teutas utilizavam-se com frequência de atividades como a redação ou a edição de jornais em língua alemã para divulgar suas ideias. Assim, conseguiam influenciar um número maior de colonos.

Wolff (2010) divide a imprensa brasileira em língua alemã em cinco fases. A primeira, que marca o início dos jornais e revistas, vai de 1836 a 1859, quando não nasceu nenhum veículo de muita importância nem duradouro. A segunda, que nomeia de expansão, até a Primeira Guerra Mundial, vai de 1860 a 1917 – quando surgem os principais jornais de expressão e alcance, como os arrolados acima (*Koseritz' Deutsche Zeitung, Deutsche Post, Deutsche Zeitung...*). Durante o período, são favorecidos pelo crescimento da população teuta no Brasil (WOLFF, 2010).

A terceira fase ocorre no intervalo entre a duas Grandes Guerras, a partir de setembro de 1919 até meados de 1940. No início do segundo conflito mundial, muitos jornais em língua alemã foram publicados, temporariamente, em português (WOLFF, 2010). A quarta fase refere-se à imprensa após a Segunda Guerra e inicia em 1946. Mesmo com o fechamento de muitos jornais durante o período do conflito, após o encerramento da guerra, muitos deles, que eram publicados no idioma germânico, passaram a ser escritos em português, como é o caso do *Serra Post*, que se tornou *Correio Serrano*, em Ijuí (RS), na década de 1960. Há também o *Beilage*, que virou a, ainda hoje existente, *Gazeta do Sul*, em Santa Cruz do Sul (RS) (WOLFF, 2010).

A quinta fase que Wolff (2010) identifica é a imprensa em língua alemã no Brasil hoje. Porém, por ter sido publicado em 2010, no livro já há defasagem frente aos dados apresentados. Na época, havia dois grandes jornais diários em circulação no país, ambos produzidos em São Paulo. O *Deutsche Zeitung* era o mais antigo, fundado em 1897. O outro era o *Brasil-Post*, fundado em 1950. Ambos circulavam semanalmente na época da publicação do trabalho de Wolff (2010)²⁵. Desde a Segunda Guerra Mundial, não houve mais jornais diários no idioma germânico no Brasil (WOLFF, 2010).

²⁵ Não foi possível encontrar registros do ano em que deixaram de circular. Sabe-se apenas que isso ocorreu.

Junto com esses jornais diários, ainda existem publicações diversas em língua alemã. Wolff (2010) exemplifica com a *Sankt Paulusblatt*, que sai mensalmente – e, na época, circulava com 2.200 exemplares mensais²⁶. Há outros casos ainda hoje de publicações no idioma – contudo, ou elas não saem mensalmente ou não são inteiramente redigidas em alemão. O *Caminho/Der Weg* é um jornal mensal publicado pelo Sínodo do Vale do Itajaí (Igreja Luterana), em Blumenau (SC). A publicação é em português, mas conta com duas páginas em alemão, nas quais o título passa a ser *Der Weg*²⁷. A tiragem é de 25.000 exemplares mensais. Há, ainda, a revista bimensal *Bibel und Pflug* (Bíblia e arado), publicada pelos Irmãos Menonitas do Boqueirão, em Curitiba (PR), na época com 800 exemplares. Ao lado delas, continuam existindo páginas, colunas ou seções em alguns jornais que são escritos em *Hochdeutsch* (o alemão falado na Alemanha) ou em dialeto, mas são situações esparsas (WOLFF, 2010).

A queda no número de assinantes dessas publicações é explicada por Wolff (2010) pelo surgimento de outros meios de os descendentes se informarem diretamente sobre as notícias da Europa através, por exemplo, da televisão e da internet – função que, com efeito, os jornais e revistas em língua alemã desempenhavam também no Brasil.

Para Caparelli (1980), a imprensa em língua alemã exerceu ainda o papel de identificação social. No contato com a sociedade de adoção é que as diferenças se mostravam evidentes, levando à identificação como grupo social e cultural distinto.

A imprensa serviu igualmente para pôr em relação os diversos núcleos de imigrantes. Se antes estavam voltados exclusivamente para a sobrevivência na nova terra, olharam em volta e se descobriram como grupo importante na sociedade gaúcha. [...]

A imprensa teve papel importante na manutenção da cultura germânica quando começou um intercâmbio maior com a sociedade de adoção dos imigrantes. Ao lado da escola, a imprensa foi elemento dinâmico desta cultura (CAPARELLI, 1980, p.103).

Contudo, ainda convém apontar outra característica importante. Há uma distinção significativa entre o público a que se destinavam os jornais e as revistas (GERTZ, 2004). Do ponto de vista do número de exemplares, as publicações

²⁶ Números atualizados serão fornecidos mais adiante, obtidos mediante nossa pesquisa, diretamente com o administrador da SPB, em 2015.

²⁷ É possível folhear o jornal *on-line*. JORNAL O CAMINHO. Blumenau, 2015. Disponível em: <<http://www.jornalocaminho.com.br/virtual/>>. Acesso em: 29 set. 2015.

periódicas de cunho religioso, publicadas pelas Igrejas, foram as mais duradouras e, eventualmente, com maior tiragem.

Após a proibição da língua alemã em 1917, a imprensa local praticamente não se reergueu. Na Segunda Guerra Mundial, o golpe foi ainda maior, e poucas publicações sobreviveram. Outra consequência negativa foi a redução do número de pessoas que liam em alemão, por causa do fechamento de escolas (ROCHE, 1969) – o que se reflete até hoje.

Braga (1994), em crônica redigida em julho de 1939, externa sua opinião sobre a nacionalização da imprensa redigida em outro idioma. O Ministério da Justiça havia baixado uma portaria, afirmando que os textos de jornais em outra língua deveriam vir acompanhados de tradução para o português. Na teoria, Braga (1994) considera a medida positiva. Na prática, aponta restrições. Franz Metzler, na época diretor do *Deutsches Volksblatt*, concedeu entrevista ao *Correio do Povo* e afirmou que o jornal, embora fosse redigido em alemão, era essencialmente brasileiro, afirmação com a qual Braga (1994) concorda.

Começa por ser católico e acaba por, coerentemente, ser antinazista. [...] o sr. Franz Metzler não concorda com a teoria parda oficial de que os alemães e os seus descendentes que vivem em outros países pertencem ao povo alemão. No seu jornal, o sr. Metzler costuma dizer que um sujeito, filho de alemães, que nasce no Brasil é brasileiro. E costuma ensinar essa gente a pensar e a sentir como os brasileiros sentem e pensam. Sem acreditar nessa história de raças privilegiadas e raças amaldiçoadas. Sem obedecer às ordens e sugestões de outro governo que não seja o governo de nossa terra (BRAGA, 1994, p. 39-40).

O *Deutsches Volksblatt* – e a imprensa em língua alemã no geral – ensinava os descendentes e imigrantes a serem brasileiros, mas o fazia em língua estrangeira (BRAGA, 1994). O governo nacionalista não entendeu dessa forma e, por conta de medidas restritivas instauradas no período, essa imprensa enfraqueceu e poucas publicações resistiram.

3.2 A IMPRENSA TEUTA NO CONTEXTO BRASILEIRO E SUL-RIO-GRANDENSE

A imprensa teuto-brasileira não fica fora também do contexto brasileiro e gaúcho. Afinal, como vimos até aqui, ela era uma imprensa brasileira, e não alemã,

apesar de ser redigida no idioma germânico. O desenvolvimento da imprensa no Brasil, conforme Romancini e Lago (2007), foi tardio em relação às demais colônias latino-americanas por diversos fatores. Entretanto, logo que se desenvolveu, sobretudo ao longo do Segundo Reinado, ela se engajou politicamente.

No contexto do Rio Grande do Sul, no terceiro quartel do século XX, de acordo com Rüdiger (1998), surgiu o jornalismo político-partidário, época que coincide com a criação dos primeiros jornais em língua alemã, cuja orientação era, claramente, política. Com o conceito político-partidário, a atividade tornou-se um meio de doutrinar os leitores, embora a medida em que essa doutrinação fosse feita dependesse de cada partido (RÜDIGER, 1998).

Também nesse contexto, começaram a se consolidar as redações e os veículos, por sua vez, em uma organização editorial (RÜDIGER, 1998). Essa transição pode ser exemplificada com Karl von Koseritz, que montou uma tipografia em Pelotas, em 1858. Rüdiger (1998) insere ainda mais detalhes a respeito do jornalista alemão:

Posteriormente, Koseritz transferiu-se para Porto Alegre, onde montou empresas que serviram tanto a conservadores quanto a liberais. Na capital, porém, havia se envolvido com os problemas da comunidade alemã, passando a conceber o projeto de sua integração ativa na sociedade política rio-grandense. Em função desse projeto, tornou-se somente jornalista, passando a militar organicamente, nessa condição, no partido dos comerciantes alemães e no Partido Liberal (RÜDIGER, 1998, p. 24-25).

Ainda assim, o jornalismo seguiu como uma atividade precária, pois os leitores eram limitados pelo baixo grau de escolarização, pela falta de poder econômico e pela escravidão ainda vigente. Embora não fosse difícil montar uma tipografia ou um jornal, o custo para mantê-los era relativamente alto (RÜDIGER, 1998).

Em seguida, surgiu o jornalismo literário, que dispensa o papel de doutrinação e concentra-se em grandes textos, “tomando como parâmetro de seus posicionamentos diante do mundo o ponto de vista vigente previamente no seu público leitor, confundido com a opinião pública” (RÜDIGER, 1998, p. 45). Neste período, predominaram textos baseados em opiniões. A modernização do país, em 1920, abriu espaço para a chegada das notícias, estabelecendo a informação como a chave dos jornais e veículos de comunicação (RÜDIGER, 1998).

Entre 1910 e 1940, apareceram diversas folhas com bom conteúdo gráfico e editorial, sobretudo em Porto Alegre. Nesse cenário, está o *Diário*, folha publicada por

editores que alugavam a empresa de comerciantes alemães. O jornal era composto de bom material gráfico, introduziu a ilustração e a impressão em duas cores. “Do ponto de vista editorial, o jornal inaugurou a reportagem sobre temas cotidianos, comprometendo-se sempre a servir a opinião pública de maneira independente [...]” (RÜDIGER, 1998, p. 55). Ainda assim, não vingou por falta de receptividade à sua proposta jornalística. Fechou as portas em 1918, estigmatizado como o “jornal dos alemães”, devido à Primeira Guerra Mundial.

No período, também houve uma transição do jornalismo, quando ele se estruturou e foi sendo progressivamente substituído pela publicidade noticiosa. Na década de 1930, surgiram as primeiras agências de publicidade e propaganda, e os jornais passaram a existir para os anunciantes. Rüdiger (1998) afirma, porém, que não é possível dissociar a história do jornalismo rio-grandense da história do jornalismo brasileiro.

A compreensão do jornalismo gaúcho se confunde com a do jornalismo brasileiro e este com a do jornalismo em geral, à medida que os dois primeiros fazem parte do movimento geral deste último, em suas condições históricas particulares. Nesse sentido, aliás, constitui sinal de nosso ingresso, desigual e contraditório, na modernidade (RÜDIGER, 1998, p. 82).

Segundo Sodré (2011), na década de 1930, a imprensa se desenvolveu bastante no Brasil todo, consolidando sua estrutura empresarial. Assim, jornais e revistas de vida efêmera aparecem mais raramente (SODRÉ, 2011). O irrompimento da Segunda Guerra Mundial também trouxe reflexos visíveis ao Brasil, sobretudo a partir de 1942, quando o Brasil entrou no conflito. Sodré (2011) registra que o Estado Novo começou a deteriorar-se rapidamente, a partir de então. Para ele, “o desenvolvimento da imprensa, no Brasil, foi condicionado, como não podia deixar de ser, ao desenvolvimento do país” (SODRÉ, 2011, p. 577). Além disso, começou a haver concentração da imprensa, tornando cada vez mais difícil o lançamento de um jornal ou revista novos.

Em 1946, elaborou-se uma nova Constituição no país, sob o golpe de Eurico Gaspar Dutra – continuação da ditadura anterior, mas com fachada legal. A Constituição, em relação à imprensa, determinou que todas as empresas jornalísticas deveriam ser nacionais, proibindo estrangeiros de mantê-las. O dispositivo, porém, era inócuo e em nada ajudou a resguardar o caráter nacional das empresas

jornalísticas (SODRÉ, 2011). Nas décadas seguintes, evoluiu-se ainda mais rumo à profissionalização das empresas jornalísticas e à geração de monopólios e oligopólios, que foram destruindo veículos menores (SODRÉ, 2011).

Outro ataque à livre imprensa foi realizado na década de 1960, com a instauração da ditadura militar e a decretação do Ato Institucional número 5, que fechou o Congresso e instituiu a censura prévia nas redações (SODRÉ, 2011). Porém, Gertz (2004) registra que, diferente dos veículos brasileiros em períodos de conflitos, os jornais e revistas políticos em língua alemã não sofreram censura da mesma maneira, pois eram redigidos em outro idioma, o que dificultava o trabalho dos censores. Não se sabe, porém, se Gertz (2004) quis se referir ao período do Estado Novo – quando estaria cometendo um equívoco, pois todos os veículos em língua alemã amargaram no período – ou aos anos da ditadura militar – o que poderia se aplicar à realidade, embora essa afirmação precise de um estudo empírico e documental de maior envergadura.

De acordo com Luca e Martins (2011, p. 8), a história da imprensa no Brasil não pode ser dissociada da história do próprio país, uma vez que ambas “caminham juntas, se autoexplicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel”. Os personagens na imprensa, na política e nas instituições são quase sempre os mesmos, e intervenções políticas de peso são decididas no interior de redações. Esse quadro era visto na Colônia, no Império, na República, no Estado Novo e segue até os dias de hoje (LUCA e MARTINS, 2011). Ou seja, grandes decisões são tomadas no âmbito da imprensa, respingando em outros setores e, sobretudo, influenciando a opinião pública.

4 JORNALISMO E REVISTA: FUNÇÃO SOCIAL E CARACTERÍSTICAS

A *Sankt Palusblatt* se encaixa em qual tipo de revista e de jornalismo? Embora a bibliografia analisada não a defina como jornalística, mas apenas pela denominação genérica de imprensa, acreditamos que, de acordo com a definição de Beltrão (1992), Rossi (1986) e Traquina (2005, 2008), seja fundamental verificar se, de fato, ela praticava jornalismo.

Além do mais, para discorrer sobre a *Sankt Paulusblatt*, acreditamos ser fundamental definir, do ponto de vista jornalístico, o que é uma revista. Isso porque alguns autores, como Gertz (1992) e Rambo (2003), por exemplo, chamam-na de jornal mensal e de periódico, respectivamente²⁸. Porém, acreditamos que essas nomenclaturas estão equivocadas sob o ponto de vista da Comunicação Social – o que vamos tentar comprovar no decorrer deste capítulo.

É essencial, ainda, em nossa visão, estabelecer a função social da imprensa e algumas particularidades do jornalismo, bem como os critérios de noticiabilidade – ou seja, os itens que fazem com que um acontecimento seja alçado à categoria de notícia. Com isso, acreditamos que seja possível verificar se a SPB era jornalística. Caso contrário, tornar-se-ia incompleta a análise sobre a revista.

4.1 CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO

Informar e interpretar: estas são as principais funções do jornalismo. Não é apenas publicar uma informação e esperar que o leitor a compreenda e a contextualize por si só. O papel do jornalista é auxiliar a encaixar um fato no contexto em que está o seu leitor. Ademais, unir as pessoas em torno de um objetivo comum e impeli-las a melhorar o lugar em que estão é outro ponto inerente à atividade social da imprensa.

Para Beltrão (1992), a complexidade do jornalismo dificulta sua definição, embora pontue que a essência da atividade é informar sobre algo que ocorre no presente. Quem informa sobre o passado são os historiadores. “Jornalismo é informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum” (BELTRÃO, 1992, p. 67).

²⁸ Isabel Arendt (2007) também acredita que a melhor denominação para SPB seja revista, embora, por vezes, empregue o termo *periódico*.

Beltrão (1992) salienta que, embora o jornalismo informe sobre o que interessa às pessoas que vivem em determinada sociedade, é importante atentar para duas características: a atualidade e a variedade. Além disso, os fatos não devem ser expostos sem prévio exame e análise crítica do profissional, o que atribui outra tarefa ao jornalismo: interpretar. Há também outro elemento constitutivo que Beltrão (1992) nomeia como *popularidade*, pois o jornalismo se dirige a uma coletividade, e não a um indivíduo isolado. Por fim, busca impelir as pessoas a realizarem ações e promoverem o bem comum – o que caracteriza a *promoção*.

Outra questão que precisa ser esclarecida é a diferença entre jornalismo e história. Enquanto o jornalismo espalha os fatos ainda quentes, interpretando-os quando estão sendo debatidos pela sociedade e no momento em que ocorrem, a história os analisa e os registra já frios (BELTRÃO, 1992). “O jornalismo prepara o lastro para a história, e com ela jamais se confundiu ou confunde [...]” (BELTRÃO, 1992, p. 71).

A *variedade* é outra característica salientada por Beltrão (1992), que afirma ter o jornalismo, em qualquer de suas manifestações, o objetivo de satisfazer a três necessidades do ser humano. A primeira é a de informar-se do novo, e, através ou por causa dele, recordar-se do passado. A segunda é receber avisos em relação ao futuro, para preparar-se para possíveis imprevistos. A terceira é a de entreter, fazer com que o leitor descanse através do humor, de crônicas, de ficção, de poesia etc. (BELTRÃO, 1992).

Traquina (2005), por sua vez, pontua que é difícil resumir a essência do jornalismo em uma frase, ou mesmo em um livro. Resumidamente, contudo, reconhece que o jornalismo nasceu da necessidade de o ser humano saber o que se passa ao seu redor.

Ao longo dos séculos, as pessoas (muitas delas, pelo menos) têm desejado ser informadas sobre o que as rodeia, usando o jornalismo (ou uma forma pré-moderna do jornalismo) para se manterem em dia com os últimos acontecimentos, para os combinarem com um conhecimento dos tópicos que lhe permita participar de conversas pessoais e de grupo, talvez para se sentirem reasseguradas de que através dos vários produtos do jornalismo não estão a perder algo, ou para serem fascinadas pelas alegrias e pelas tragédias da vida (TRAQUINA, 2005, p. 20).

O jornalismo é uma atividade criativa, demonstrada pela construção do mundo em notícias, embora seja, muitas vezes, cingida por hierarquias superiores, pela limitação de tempo e de formato. O jornalista também pode ser definido como um contador de estórias do dia a dia. Como qualquer outra profissão, não escapa à rotina de alguns processos, mesmo que a imprevisibilidade seja fulcral no dia a dia, uma vez que a notícia não escolhe hora para acontecer (TRAQUINA, 2005).

Em vez de utilizar apenas o termo *jornalismo*, Traquina (2005) emprega a expressão *campo jornalístico*, pois diz que a atividade implica a existência de muitos *jogadores*, com agentes sociais que utilizam o jornalismo para suas estratégias de comunicação; o prêmio que os jogadores disputam, que são as notícias; e os profissionais disputam o monopólio do que seja notícia e sua construção. Assim, há disputas entre dois polos distintos: o polo ideológico, que define o jornalismo como serviço público, e o polo econômico, que tornou o jornalismo um negócio, e as notícias, uma mercadoria (TRAQUINA, 2005).

As notícias, como principal produto jornalístico, dependem de critérios que alcem acontecimentos ao posto de notícia. Para isso, devem satisfazer uma série de itens. Wolf (2003) divide os valores/notícia (que grafa com barras na obra) em quatro categorias: os critérios substantivos (relativos ao evento a ser transformado em notícia), os critérios relativos ao produto (conjunto dos processos de produção), ao público (a imagem que o jornalista tem dos destinatários) e à concorrência (relação entre os meios de comunicação de massa).

Traquina (2008), por sua vez, divide os valores-notícia entre de os seleção e os de construção. Os critérios de seleção são divididos, por ele, em substantivos e contextuais, listando-os da seguinte maneira:

- *Critérios substantivos*: morte (notícias que envolvam o falecimento de pessoas, como tragédias etc.), notoriedade (quanto mais famosa uma pessoa é, mais chances têm de tornar-se notícia), proximidade (tanto cultural quanto geográfica), relevância (acontecimento que tem impacto sobre a vida das pessoas), novidade (interesse pela primeira vez, pelo novo), tempo (como atualidade e como efeméride), notabilidade (tangibilidade dos acontecimentos), inesperado (inusitado), conflito ou controvérsia (violência física ou simbólica) e infração (violação de regras);

- *Critérios contextuais*: disponibilidade (facilidade de cobertura do evento), equilíbrio (relacionada à quantidade de vezes que se noticiou determinado acontecimento), visualidade (ocorrência de elementos visuais), concorrência (a busca

pela exclusividade para ganhar sobre os concorrentes, o “furo” de reportagem) e dia noticioso (quantidade de acontecimentos com valor-notícia em determinado dia).

Por fim, os valores-notícia de construção são divididos em simplificação (acontecimentos desprovidos de ambiguidade e de complexidade), amplificação (ampliar o que aconteceu por meio de palavras e de expressões, a fim de atrair mais atenção), relevância (demonstrar que o acontecimento tem significado às pessoas), personalização (valorizar pessoas envolvidas no acontecimento) e dramatização (reforço do lado emocional e conflitual) (TRAQUINA, 2008).

Contudo, Traquina (2008) salienta que a política editorial da empresa jornalística pode influenciar sobre a escolha dos acontecimentos de diversas maneiras. “[...] influencia a disposição dos recursos da organização e a própria existência de espaços específicos dentro do produto jornalístico através da sua política de suplementos e sobretudo de rubricas” (TRAQUINA, 2008, p. 93).

A contribuição jornalística para a sociedade se estende à manutenção da democracia. É impossível desvincular democracia e liberdade de imprensa (TRAQUINA, 2005). Desde seu surgimento, a profissão é designada como a expressão da opinião pública e das aspirações de um povo. No Brasil, porém, Rossi (1986) lembra que a imprensa apoiou o golpe militar de 1964, o que, posteriormente, incidiu negativamente sobre o exercício das atividades de imprensa, com a censura – e em uma sociedade que sofre com censura é impossível que o jornalismo seja exercido plenamente, sendo mais uma propaganda do regime que está em vigor (TRAQUINA, 2005).

Conforme Rossi (1986), a objetividade jornalística é um mito. O jornalista é marcado por impressões e de formação cultural própria, o que impede a narração objetiva de qualquer fato – exceto, como ele exemplifica, de um acidente de trânsito, se não houver envolvido nenhum parente ou amigo do repórter. De maneira quase romântica, Rossi (1986, p. 69) define o jornalismo como “uma grande batalha para a conquista de mentes e corações”. Apesar dos baixos salários e das condições precárias de trabalho, o jornalista deve se ater à importância do que exerce. Trabalhar bem é uma necessidade, não para agradar ao patrão, mas para cumprir a função social (ROSSI, 1986), em respeito ao leitor, telespectador ou ouvinte.

É inegável, no entanto, a importância do jornalismo na formação de uma sociedade e na promoção do bem comum. Como agitador social, o jornalista deve ter

consciência da influência que exerce e das consequências das informações que publica, e como as publica.

4.2 PARTICULARIDADES DE UMA REVISTA

No exercício do jornalismo, há diversas formas de veicular informações. Seja em jornais, revistas, televisão, rádio ou, mais recentemente, internet. Cada plataforma tem suas particularidades. Nesta monografia, vamos nos ater às revistas, com o objetivo de contextualizar o formato da *Sankt Paulusblatt*.

Revistas trazem informações mais perenes, mais contextualizadas. Do ponto de vista gráfico, também se diferenciam por trabalharem com maior afinco o *design* das páginas e as fotografias, em contraponto ao jornal, que tem um projeto gráfico mais simples e com impressão, muitas vezes, de menor qualidade.

Do ponto de vista histórico, a primeira revista da qual se tem notícia surgiu na Alemanha, em 1663, batizada como *Edificantes Discussões Mensais*, cuja proposta era tratar de vários assuntos sob um mesmo tema: a teologia – e apenas por isso ela é considerada revista, uma vez que, naquela época, ainda eram muito similares a livros, frente ao aspecto gráfico, sem recursos para ilustrar os textos (SCHWAAB e TAVARES, 2013). A *Sankt Paulusblatt*, na maior parte do tempo em que circulou, também era mais parecida com um livro no aspecto gráfico, pois a primeira foto publicada foi em 1925²⁹. Imagens e ilustrações raramente apareciam na publicação até o final da década de 1930, quando se começou a utilizar capas mais elaboradas, dando-lhe um aspecto de revista.

Ainda há outra característica essencial: “O suporte papel, que caracteriza o dispositivo midiático em questão, garante sua continuidade no tempo e [...] a leitura posterior e o ato de guardar e colecionar revistas, o que produz [...] novos efeitos de sentido (SCHWAAB e TAVARES, 2013, p. 35)”. Scalzo (2011), por sua vez, define revista como “um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento” (p. 11-12). Sempre desempenhou duas funções evidentes antes da vertente noticiosa: a de entretenimento e a de educação (SCALZO, 2011).

²⁹ Esta informação obtivemos com nossa própria observação no Memorial Jesuíta da Unisinos. É possível que, em função de alguns exemplares até 1929 estarem incompletos e algumas edições em falta, o número não seja correto, mas aproximado.

Para Vogel (2013), toda revista propõe uma reflexão sobre o contemporâneo:

As imagens que uma revista apresenta trazem sempre sentidos em carga. Ou seja, sempre um acionamento de arquivos: imagens em associação, em confronto, em composição, e imagens do noticiário, do cotidiano vivo, operadas junto a imagens da experiência e da memória, verbais ou pictóricas, coisificadas ou mentais, conscientes ou não conscientes, públicas ou individuais (VOGEL, 2013, p. 18).

A periodicidade é outra característica fundamental de diferenciação dessas duas plataformas. Não há revistas diárias, enquanto o jornal, por pressuposto, tem circulação mais frequente (VOGEL, 2013) – o que, por consequência, também influencia na escolha dos acontecimentos que são tratados pelos veículos e no tipo de abordagem que cada um confere.

Para Vilas Boas (1996), as revistas seguem os mesmos princípios de jornais diários no que se refere à compreensão textual. O mais importante é que o leitor entenda o que está escrito e que se consiga transformar o material bruto, mais técnico, em algo que possa atingir o maior número de pessoas possível. A periodicidade é, no entanto, determinante no estilo do texto de um jornal ou de uma revista, uma vez que o segundo pode utilizar um estilo de texto mais leve – embora, como frisado acima, deva ser compreensível aos leitores (VILAS BOAS, 1996).

Mesmo que o exemplo utilizado por Vilas Boas (1996) seja uma diferenciação entre jornais diários e revistas semanais de informação geral, é evidente que as características se estendem aos demais tipos de publicações especializadas, lançadas quinzenal ou mensalmente. Ou seja, o texto em revista deve ser mais criativo e solto do que o de jornais diários, justamente por se concentrar mais no lado interpretativo do que puramente informativo.

Benetti (2013, p. 46-47) reforça que a função do jornalismo de revista é antes a de orientar o leitor do que propriamente informá-lo e cumpre o papel de ajudá-lo “a compreender a si mesmo por meio das experiências dos outros”. Além disso, é preciso estabelecer um vínculo emocional com quem lê a revista, para que o leitor a sinta como uma necessidade e espere ansiosamente por recebê-la periodicamente.

Em relação ao tamanho, medem em torno de 13,5 x 19,5 centímetros, até 25 x 30 centímetros, embora existam exceções maiores ou menores. O formato mais comum é de 20,2 x 26,6 centímetros – caso da revista *Veja*, por exemplo (SCALZO, 2011).

Outra característica fundamental das revistas – e que, hoje, em função das tecnologias disponíveis, é cada vez mais valorizada – é a qualidade do *design*, das fotos e das ilustrações. A aparência externa, bem como o conteúdo, precisa ser atraente. Até por ser possível imprimi-las em um papel com qualidade superior à do jornal, há como explorar com maior afinco e maestria esses recursos gráficos (SCALZO, 2011). A identidade visual também identifica uma série de revistas que se parecem no tema e que disputam, portanto, mercado (BENETTI, 2013).

Schwaab e Tavares (2013) enfatizam que os anúncios, em revista, são determinantes para entender a que público se destina e são fundamentais para compreender o contexto – social e capitalista – no qual a editora e a empresa de comunicação se inserem. Comprar ou assinar uma revista não se constitui apenas como um hábito cotidiano, mas indica modos de apropriação da realidade cotidiana (SCHWAAB e TAVARES, 2013).

4.3 BREVE INTRODUÇÃO À SANKT PAULUSBLATT

O que foi exposto acima nos permite iniciar uma exposição mais completa sobre a história e as características da *Sankt Paulusblatt*. Em tradução literal, o nome da revista significa *Folha de São Paulo*³⁰.

Desde o início, a Sociedade União Popular definiu, como uma de suas prioridades, o incentivo à imprensa. Na reformulação dos estatutos, em 1930, um dos objetivos era a “difusão de boas leituras através: da *Skt Paulusblatt*, de livros, de revistas, de jornais e de panfletos” (SCHALLENBERGER, 2009, p. 334). Nota-se que uma das prioridades da associação e da revista, portanto, era divulgar conhecimento para contribuir na educação dos leitores e associados da entidade.

Para Arendt (2007), os principais objetivos da SPB eram formar um elo entre a SUP e seus associados, proporcionar entretenimento com assuntos religiosos e culturais e responder dúvidas sobre agricultura e pecuária – questões tangíveis aos leitores. Em uma análise das colunas do padre Balduino Rambo, que foram publicadas entre 1948 e 1959, Arendt (2007) concluiu que, em 1948, os principais conteúdos da revista eram o editorial, notícias sobre a União Popular, contos, poesia,

³⁰ Arendt (2007) traduz como *Revista de São Paulo*, o que entendemos como equivocado, uma vez que a palavra revista, em alemão, é *Zeitschrift* ou *Magazin*.

imagens relacionadas com o contexto da publicação, receitas culinárias e conselhos de saúde, consultoria jurídica, agricultura, humor e outros assuntos.

Gertz (2004) afirma que o conteúdo da *Sankt Paulusblatt* era essencialmente político, uma vez que ela defendia variáveis políticas ao colocar os interesses econômicos, sociais e religiosos dos teuto-católicos no centro dos debates. Klauck (2009) concorda com Gertz (2004), mas acrescenta que, em função de muitos conteúdos serem focados na religião e, pelo fato de o Catolicismo Social partir do princípio de dar uma nova ordem à sociedade, também enquadra a revista dentro do apostolado da pena³¹.

Durante o período do regime militar (1964-1985), as revistas e jornais em língua alemã não sofriam censura como o restante da imprensa brasileira, por serem redigidos em outro idioma, o que dificultava o trabalho dos censores (GERTZ, 2004) e também permitia, teoricamente, que publicassem informações que teriam sido barradas em outros veículos de comunicação.

Ao classificar a publicação, porém, Gertz (2004) entra em contradição. Diferencia revistas e jornais da mesma maneira que o fizemos acima, focando na periodicidade e na forma de apresentação dos textos, mas enquadra a *Sankt Paulusblatt* como jornal mensal.

A maior parte da bibliografia consultada salienta que a *Sankt Paulusblatt* era publicada mensalmente – o que, no próximo capítulo, veremos que se aplica apenas em parte, pois houve exceções no início e em alguns anos esparsos. A circulação foi interrompida totalmente apenas durante a Segunda Guerra Mundial, de 1941 a 1947 (ARENDR, 2007; RAMBO, 1994b, 2003).

Conforme Klauck (2002), a revista nasceu do lema de São Paulo, *omnibus omnia*, que significa *tudo a todos*. Carregando essa simbologia do *fundador da Igreja Católica*, o cabeçalho da publicação estampava a imagem do santo – em 2015, isso ainda permanece, mas na página do índice. Ao mesmo tempo em que buscava unir os católicos em torno da leitura, a SUP utilizou-se do exemplo de São Paulo e objetivou constituir uma comunidade, tendo a revista como instrumento de união.

Klauck (2009) estudou a SPB como ferramenta de catequização entre 1912 e 1934. De acordo com o autor, a primeira fase da publicação vai do primeiro exemplar até 1941, quando sofreu interrupção por conta da Segunda Guerra Mundial. O escopo

³¹ Klauck (2009) define o “apostolado da pena” ou “da palavra” como uma forma de propagar a fé que é utilizada, pela Igreja Católica, desde os apóstolos.

do estudo de Klauck (2009) foi até 1934 por ser o período em que a revista era editada pelo padre Theodor Amstad, o que lhe imprimia um estilo específico. Naquele período, em 22 anos de circulação, houve 145 edições. A distribuição não-linear é explicada pela redação ficar a cargo de apenas uma pessoa, no início – no caso, o padre Theodor Amstad, que ocupou, por muitos anos, a função de secretário-geral e secretário-itinerante, cumulativamente às responsabilidades com a publicação da revista da entidade.

No início, era distribuída de graça aos associados. A partir de 1922, em função dos altos custos de produção, passa a ser cobrada, o que Klauck (2009) considera um dos motivos que explicam sua baixa circulação. Entretanto, é difícil dissociar a consolidação da Sociedade União Popular do papel de integração que a *Sankt Paulusblatt* exerceu concomitantemente (KLAUCK, 2009).

A consolidação do *Volksverein* pode ser percebida por meio da mudança de conteúdo da revista da entidade, uma vez que, a partir de 1920, destacam-se assuntos religiosos, políticos, econômicos, sociais e educacionais; anteriormente, predominava o conteúdo institucional, como meio de organizar, consolidar e ampliar a sociedade. A partir da década de 1920, também se verifica o aumento na participação de leigos, como Siegfried Kniest e Hugo Metzler, que assinavam textos na revista (KLAUCK, 2009). Como órgão oficial da Sociedade União Popular, a SPB facilita o trabalho de historiadores, que encontram na publicação relatos detalhados da expansão das atividades da SUP, do número de associados e dos estatutos que eram aprovados nas Assembleias de Católicos.

O leitor da revista, conforme Klauck (2009), pode ser limitado, primeiramente, ao contingente católico alemão, uma vez que a associação era confessional. Em segundo lugar, afere-se que o leitor compreendia os textos, uma vez que a maior parte da população teuto-brasileira era alfabetizada, em função do número elevado de escolas construídas nas colônias.

Nos primeiros anos da publicação, o público-alvo da revista eram líderes comunitários paroquiais, em função de muitos artigos e conteúdos serem assinados por religiosos. Colonos também eram leitores, o que pode ser estimado a partir da publicação de conteúdos sobre agricultura, reforçado por informações técnicas a respeito do assunto e pelos classificados da revista, onde é frequente o anúncio de lotes de terra (KLAUCK, 2009).

Outro segmento de leitores importante para a *Sankt Paulusblatt* foi, segundo Klauck (2009), pessoas que se dedicavam ao magistério paroquial, pois a revista divulgava muitos textos referentes à educação. Por conseguinte, seções específicas para as mulheres sugerem que o público feminino recebia instrução nas escolas comunitárias teuto-brasileiras e era visado pela *Volksverein*, até por permitir, em seu estatuto, a participação feminina. As crianças também eram indiretamente atingidas pela revista, uma vez que os pais eram assinantes, reforçando o contexto de toda a família ser inserida no conceito de boa leitura (KLAUCK, 2009).

Para Rambo (2012b), o trunfo da Sociedade União Popular – hoje Associação Theodor Amstad – é ainda publicar mensalmente uma revista em língua alemã e manter uma editora – a Editora Amstad. A revista, atualmente, não dá mais lucro. O que a sustenta são os ganhos financeiros da Associação com a impressão de livros em geral.

5 PANORAMA DE UM SÉCULO DE *SANKT PAULUSBLATT*

No presente capítulo, descrevemos a revista *Sankt Paulusblatt*, com base em nossa análise de 184 exemplares em 100 anos de existência. Nosso escopo centrou-se de 1912 a 2012, para traçarmos um panorama da publicação, tomando como base a efeméride que a distingue de qualquer outra revista em língua alemã que já circulou no Brasil – o fato de ser centenária. Em relação à metodologia de pesquisa empregada, analisamos, sempre que possível – uma vez que havia exemplares em falta e exceções que serão melhores descritas ao longo do capítulo –, um exemplar aleatório do primeiro e do segundo semestre de cada ano.

Posteriormente, dividimos os 100 anos em períodos, de acordo com mudanças gráficas e editoriais que a revista sofreu. Por vezes, essas alterações acompanharam o contexto histórico e, em outras, são independentes de fatores externos. Observamos os principais gêneros jornalísticos que aparecem na publicação, as editoriais, os temas abordados, o número de páginas, os anúncios, as notícias e a parte gráfica, tudo para descrever, da forma mais fidedigna e completa possível, a *Sankt Paulusblatt* – algo que nunca havia sido feito até o momento.

A metodologia empregada para atingirmos esse objetivo foi a pesquisa descritiva e a pesquisa documental, com as técnicas de revisão bibliográfica, descrição analítica e entrevistas despadronizadas. De acordo com Gil (2008, p. 28), a pesquisa descritiva tem “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Uma das principais características da pesquisa descritiva é, pois, a técnica de coleta de dados padronizada.

No nosso caso, elencamos itens a serem observados na revista e, em todos os exemplares analisados, focamo-nos em identificá-los. Por se tratar de um tema muito subjetivo e de difícil quantificação, a pesquisa foi mais de caráter qualitativo do que quantitativo. Não pretendemos determinar o número de ocorrências de determinadas seções, por exemplo, mas identificar quais eram e determinar quando foram publicadas.

A pesquisa documental, por sua vez, pode ser caracterizada como um método e como uma técnica, ao mesmo tempo. Moreira (2006, p. 272) define que ela é um método porque “pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação”. Por outro lado, é “técnica porque é um recurso que complementa outra forma de obtenção

dos dados” (MOREIRA, 2006, p. 272). Gil (2008) salienta algumas vantagens do emprego da pesquisa a partir da consulta de documentos, como o conhecimento do passado, a investigação de mudanças culturais e sociais e a obtenção de informações com menor custo.

No caso do estudo da *Sankt Paulusblatt*, recorreremos basicamente às edições antigas e à pesquisa documental, uma vez que, sem ela, o estudo não seria viável. Consultamos as edições até 1962 no Memorial Jesuíta da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo (RS), para onde o acervo foi doado, quando a revista se mudou de Porto Alegre para Nova Petrópolis. A partir das edições de 1963, um colecionador da publicação, na cidade de Harmonia (RS), emprestou-nos os exemplares que tinha disponíveis.

Utilizamos também, para a reconstituição da história da SPB, a pesquisa bibliográfica ou revisão literária. De acordo com Stumpf (2006), ela “é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados” (STUMPF, 2006, p. 51). Esses dados foram fundamentais para conseguirmos ler a revista, entendendo o contexto no qual estava inserida, observando aspectos históricos e contextuais.

Após, utilizamos a técnica de análise descritiva, ou descrição analítica, para redigir o presente capítulo. Para Bardin (2011, p. 41), “a descrição analítica funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Esta técnica nos permitiu entender e descrever as diferenças de conteúdo e gráficas que a *Sankt Paulusblatt* enfrentou. Focar-nos-emos, assim, na descrição do conteúdo e da parte gráfica, sem definir categorias específicas da análise de conteúdo, uma vez que o vasto material que possuímos não pode ser estudado de maneira mais aprofundada em tão pouco tempo.

Para a reconstituição dos 100 anos da *Sankt Paulusblatt*, também recorreremos a entrevistas em profundidade, com o jornalista responsável, atualmente, e com quem faz parte da sua administração. Conforme Duarte (2006, p. 63), as perguntas permitem aprofundar o assunto, “descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas”. Esta técnica ainda nos permitiu “identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações” (DUARTE, 2006, p. 63).

Para classificar os gêneros jornalísticos que aparecem com maior frequência na publicação, seguimos a conceituação da obra “Gêneros jornalísticos no Brasil”, organizada por José Marques de Melo e Francisco de Assis³². Conforme Costa (2010), em capítulo sobre gêneros na imprensa regional, no jornalismo informativo existem a *nota* (relato de algo que está em processo de configuração), *notícia* (relato de um fato que já aconteceu), *reportagem* (matéria ampliada de um acontecimento) e *entrevista* (relato que privilegia protagonistas de um acontecimento ou personalidades).

No jornalismo opinativo, há *artigos* (valoração pessoal sobre um fato, geralmente atual), *caricatura* ou *charge* (ilustração crítica sobre um tema atual), *cartas* (texto em que o leitor se dirige ao veículo, com sugestões e eventuais reclamações), *colunas* (espaço fixo em que o titular dá sua opinião sobre diversos assuntos em textos curtos), *comentário* (traz uma reflexão em que o autor expõe sua análise sobre um evento ou fato), *crônica* (relato da realidade com vertente poética ou literária), *editorial* (opinião do veículo de comunicação) e *resenha* (avaliação sobre determinado produto cultural) (COSTA, 2010).

No jornalismo interpretativo, existem a *cronologia* (utilizada mais como complemento a matérias), o *dossiê* (reportagem com subgêneros complementares, como infográficos, dados e informações minuciosas), o *perfil* (relatos biográficos) e a *enquete* (pesquisa de opinião com leitores do veículo) (COSTA, 2010).

Dentro do jornalismo utilitário, o gênero que mais apareceu na SPB foi o *serviço*, o que Costa (2010) define como um guia ao leitor com informações práticas das quais ele, provavelmente, precisará. Também se incluem aí o expediente e telefone e endereço para contato com a redação (COSTA, 2010). Ademais, no jornalismo utilitário ainda existem mais gêneros: *cotação* (dados sobre variação de mercado financeiro), *indicador* (lista de dados de determinado segmento) e *roteiro* (relato de opções de consumo disponíveis ao leitor, dentre as quais se inclui a programação de cinema, por exemplo).

O jornalismo diversional, por sua vez, compreende o gênero das *histórias de interesse humano* ou *histórias coloridas*, que consiste em reportagens sobre pessoas comuns ou relatos que utilizam recursos próprios da literatura, com o intuito de construir um texto mais atraente (COSTA, 2010).

³² Como o foco da monografia é o estudo da revista como um todo, e não apenas dos gêneros jornalísticos presentes nela, conceituamos os gêneros apenas agora, entendendo esse passo como parte da metodologia.

Outros gêneros autônomos, levantados por Costa (2010), foram definidos como “outros”, nos quais se incluem a *chamada* (a primeira página do jornal, onde se oferece uma espécie de cardápio ao leitor), a *análise* (texto que vai depois de uma reportagem ou matéria, oferecendo outro ponto de vista), a *memória* (texto em forma de nota, que resgata uma notícia já publicada pelo jornal/revista), *história de viagem* (pode ser considerado um subgênero da carta ao leitor ou da crônica, mas é composta da narração de uma viagem), *obituário* (não apenas uma lista de nomes, mas uma espécie de perfil do falecido), *infográfico* (como ilustração de uma matéria, trazendo informações extras), *texto-legenda* (serve para que o leitor compreenda o texto, lendo apenas o título e a legenda da foto, o que o incentiva a ler o texto completo), *citação* (reprodução, com destaque, de uma frase dita por uma personalidade) e *errata* (nota redigida em nome do jornal/revista, que busque retificar um erro cometido).

Além de gêneros jornalísticos, observamos também a presença de gêneros literários, como *contos*, *romances-folhetim*³³ e *poemas*. Em contos, os assuntos não giravam apenas em torno da religião, mas também se estendiam a romances, embora, em algumas épocas – como veremos mais adiante – havia predominância de assuntos religiosos, o que se refletia também na ficção. A partir dessa breve conceituação, podemos descrever a *Sankt Paulusblatt* de maneira mais completa.

5.1 DE 1912 A 1941: SURGIMENTO E CONSOLIDAÇÃO

O papel (como objeto físico) da *Sankt Paulusblatt*, no início de sua circulação, era o mesmo de um jornal, bem como na aparência, pelo fato de ter poucas fotografias, ser todo impresso em preto e branco e diagramado em duas colunas. O que, nesse caso, a torna uma revista, é a periodicidade e o conteúdo, mais perene, não tão factual. Além disso, diferente do que muitos autores utilizados na revisão bibliográfica, percebemos que, no início, a revista não era mensal e circulava de maneira irregular. Ela só começa a ser impressa todo mês a partir de 1922 – e, mesmo

³³ Há uma diferença significativa entre contos e romances-folhetim. Conforme Hohlfeldt (2003), o romance-folhetim se constitui numa narrativa que se estende por vários meses, em várias edições de um jornal ou revista, afim de prender a atenção do leitor. Os temas podem ser variados. Contos, por sua vez, de acordo com Moisés (1995), possuem apenas uma unidade dramática, com um só conflito e uma história apenas. Não se pode confundir conto com novela ou romance. O conto possui uma história bem mais reduzida, com menos personagens. Reforçamos que, como não é nosso objetivo estudar gêneros jornalísticos e literários, mas classificá-los como forma de auxiliar na descrição da *Sankt Paulusblatt*, não vamos nos estender muito neste item.

assim, ao longo da história da revista nota-se que, em raros momentos, por motivos nem sempre identificáveis, ela saía a cada dois meses.

Os primeiros exemplares disponíveis para consulta na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) são xerox e estão incompletos até 1929, dificultando nossa análise e classificação do conteúdo. A partir de 1930, estão praticamente todos inteiros e completos, mais legíveis e no original (ou seja, não são mais xerox, como os analisados até então). Em relação ao tamanho, as revistas mediam 22,2 x 32,5 centímetros até 1936, ano em que passou a circular com as medidas de 20,5 x 26 centímetros.

A primeira edição, publicada em 1912 (acreditamos que em março, uma vez que a Sociedade União Popular fora criada no final de fevereiro do mesmo ano), continha os estatutos da entidade e reproduzia, na íntegra, os discursos do padre Theodor Amstad e do jornalista Hugo Metzler, por ocasião da criação da SUP. Explicava os propósitos da sociedade e da revista. Não havia nenhuma foto – somente, na última página, uma propaganda da Tipografia do Centro, empresa presidida por Metzler, que imprimia a SPB. Era uma edição mais burocrática e institucional, servindo apenas para introduzir a SUP aos associados e deixar registrado o que havia sido definido no *Katholikentag*, em Venâncio Aires, daquele ano.

O cabeçalho da revista continha sempre o número da edição e o ano, o nome da publicação, o lema da SUP, em latim, *Omnibus omnia* (tudo para todos), e a frase “*Organ des Volksvereins für die deutschen Katholiken in Rio Grande do Sul*” (Órgão da sociedade popular para os católicos alemães do Rio Grande do Sul). Abaixo, em letras menores: “*Das St. Paulusblatt erscheint in loser Folge und wird den Mitgliedern des ‘Volksvereins’ unengeltlich zugestellt*” (A Sankt Paulusblatt é publicada em intervalos irregulares e será entregue, de graça, aos membros da Sociedade União Popular)³⁴. Até 1936, ela não tinha capa, mas abria com o cabeçalho e já começava com um texto. Na última edição daquele ano, porém, introduzem uma, com o nome da revista, o ano e a edição e uma ilustração – sempre religiosa. A capa era colorida, mas de uma só cor, que variava, podendo ser verde, azul ou laranja. Por dentro, a revista continuava a mesma e a primeira página era idêntica ao que era antes – cabeçalho e texto, portanto.

³⁴ Todas as traduções de nomes de seções, títulos e demais informações referentes à revista, no presente capítulo, foram feitas livremente por nós.

A edição número 2, de 1912, começa com a “*Reisebericht des Generalsekretärs des Volksvereins*” (Relato de viagem do secretário-geral da Sociedade Popular), assinada pelo padre Thedor Amstad. A abertura do texto transmite uma boa ideia do que a revista se propõe a fazer nos primeiros anos:

Já faz três meses que o primeiro número da *Sankt Paulusblatt* foi lançado, com a criação da Sociedade União Popular, em Venâncio Aires, e muitos associados da recém-criada Sociedade Popular já devem ter se perguntado: ‘Quando chega o próximo número da folha da nossa entidade e nos contará como está a nossa Sociedade?’. Paciência, queridos irmãos, a curiosidade de vocês, que me agrada bastante porque mostra que estão interessados, deve ser finalmente saciada” (AMSTAD. In: *Reisebericht des Generalsekretärs des Volksvereins. Sankt Paulusblatt*, Porto Alegre, n. 2, p. 1-3, 1912, tradução nossa).³⁵

O texto é assinado de Santa Maria da Boca do Monte, em 26 de maio de 1912. O relato é muito detalhado – assim como costumam ser os relatos de viagem do secretário-geral ou secretário-viajante em todas as edições –, pois ele discrimina, por dia e local, tudo o que fez, todos os locais que visitou e os distritos fundados.

Em 1912, foram publicadas três edições. A de número 4 é a primeira de 1913, embora a Unisinos só tenha as duas primeiras revistas de 1912. Nos anos iniciais, a contagem das edições era cumulativa – ou seja, a número 4 é a primeira de 1913. Nesse ano, a revista não muda muito – apenas acrescenta a imagem de São Paulo no cabeçalho. As edições têm conteúdo irregular e a única seção fixa é a “*Reisebericht des Generalsekretärs*”. Os assuntos tratados na edição são os estatutos e questões gerais que envolvem a entidade. Nos dois primeiros anos, foi publicada com 14 páginas e quase nenhum anúncio.

A partir de 1914, as edições são contadas por ano e começam a aparecer seções fixas, como “*Vereinsnachrichten*” (Notícias da entidade) e “*Vereinsangelegenheiten*” (Assuntos da entidade). É complicado definir as seções, uma vez que parecem muito similares e, por vezes, até se confundem. Ambas, como o título indica, tratam sobre questões que envolvem a SUP. Enquanto a parte de

³⁵ No original: “*Schon 3 Monate find in's Land gegangen, seit die erste Nummer des 'St. Paulusblattes' am Geburtstag des Volksvereins in Venancio Aires zur Verteilung kam, und manches Mitglied des neugegründeten Volksvereins wird schon gefragt haben: ‚Wann kommt denn die nächste Nummer unseres Vereinblattes und erzählt uns etwas, wie es mit unserem Vereine steht?‘ Geduld, liebe Vereinsbrüder, euere Neugierde, die mir übrigens gefällt, denn sie zeigt, daß ihr euch um den Verein interessiert, soll endlich befriedigt werden*”.

notícias concentra-se em publicar informações mais factuais, que abordam o que aconteceu em distritos da SUP, os assuntos da entidade informam mais sobre projetos e mudanças na estrutura da associação, como troca de endereços (com um serviço informando o novo) e questões referentes a projetos, como a construção de uma empresa de caridade (*Wohltätigkeitsunternehmen*). As notícias da revista não tinham um tamanho regular: apareciam, naquela parte, notas com um a dois parágrafos e até matérias que ocupavam mais de duas páginas.

Figura 1 – Primeira página da *Sankt Paulusblatt* em 1913



Fonte: foto tirada pela autora no Memorial Jesuíta da Unisinos.

Na terceira edição de 1914, foi criada a seção de serviço “Angebote” (Oportunidade), espaço para anunciar a venda de livros, terras e até homens e mulheres procurando emprego. Ocupou coluna de uma página e a inserção de anúncios era gratuita para os membros da SUP. A seção, porém, parece não durar muito, uma vez que não aparece com regularidade em outras edições.

Ainda nesse período, a contagem de páginas mostra-se irregular: em alguns anos, é feita por edição; noutros, conta-se de maneira cumulativa no ano todo. Encadernadas, as revistas parecem se prestar a uma junção de tudo o que foi feito

em determinado ano na Sociedade União Popular, numa espécie de arquivo histórico voluntário.

Uma proposta editorial consolidada, com mais seções fixas, aparece em 1922, quando a revista passa a ser impressa mensalmente e a cobrar assinaturas. A primeira edição daquele ano já dá uma boa ideia do que virá a partir de então. Começa com uma mensagem de ano novo e é publicada a seção “*Die Schule des Volksvereins*” (A escola da Sociedade Popular), que apareceu pela primeira vez na última edição de 1921 e que a redação explicou que traria artigos e textos em geral, que visassem educar os associados sobre diversos temas. Os textos, com mais frequência, são sobre educação, religião e agricultura. Na primeira edição de 1922, o tema foi liderança. Na mesma edição, aparece um artigo assinado por um sacerdote de Hamburg, intitulado “*Was mir auffiel*” (O que me impressionou), em que ele compartilha suas impressões sobre as escolas brasileiras que visitou no mês anterior. Ainda nesse exemplar, que está com páginas em falta, a redação publica uma frase religiosa com apelo moral: “*Wenn Got sagt heute – sagt der Tafel morgen*” (Quando Deus diz hoje – o diabo diz amanhã) e, por fim, um poema não assinado – o que também dá o tom do que virá nos próximos anos.

Assim, o que se repete, em edições posteriores, é a publicação de frases de apelo moral, de poemas com temáticas religiosas e da seção “*Die Schule des Volksvereins*”. Nesse período, muito marcante também é a discriminação detalhada das receitas da Sociedade União Popular – o que costumava ser feito na primeira edição de cada ano – e as receitas das Caixas Rurais. Era um modo democrático de fazer com que esses itens chegassem a todos os associados. Também foi comum, logo nos primeiros anos de fundação da revista, publicar o itinerário que o secretário-viajante ou o secretário-geral faria nos próximos dias, para que os associados se organizassem para recebê-lo – o que é claramente um serviço.

Contos e romances-folhetim também eram publicados, embora com menos frequência, uma vez que predominava a parte institucional. A seção “*Beim Ratgeber*” (Com o conselheiro), que aparece a partir de 1937, tinha dicas de dia a dia em forma de notas de duas a seis linhas, com informações bem práticas, que iam desde como fazer gavetas pararem de ranger até maneiras de curar rapidamente uma dor de cabeça. Outra seção claramente de serviço, que surgiu em 1938, foi a “*Frauenland*” (Mundo das mulheres), direcionada exclusivamente ao público feminino. Seu conteúdo era variado e ia desde receitas culinárias até dicas de como se vestir.

Figura 2 – Nova capa da *Sankt Paulusblatt*



Fonte: foto tirada pela autora no Memorial Jesuíta da Unisinos.

Com menor frequência, apareciam reportagens, traduzidas para o alemão, que foram publicadas, inicialmente, em jornais brasileiros. É o caso de uma, na edição de maio de 1937, falando sobre o hospital de São Sebastião do Caí, com três fotos e três páginas. Havia sido veiculada originalmente no *Correio do Povo*³⁶.

Graficamente, a revista foi pouco trabalhada no período (e, ao longo dos mais de 100 anos, as transformações foram ínfimas nesse aspecto). O que fica claro é o tom de serviço e de educação que a publicação desejava empregar. Era raro o conteúdo ir além de assuntos da entidade e de religião. Contava, de vez em quando, com reportagens a respeito de eventos importantes à Sociedade Popular, como os *Katholikentage* (Congressos de Católicos) e as reuniões de delegados da *Volkverein* (Sociedade Popular).

A partir de 1937, não há mais, com tanta frequência, os anúncios funerários. A revista parece mais focada em assuntos religiosos e não tanto em ser institucional. Há um número maior de notícias, mas é tudo de forma mais concisa do que antes, até em função de predominarem anúncios ao final da publicação – ocupando, em algumas edições, até 10 páginas de uma média de 30.

Entre as décadas de 1910, 1920 e 1930, o número de páginas da revista era irregular. No início, tinha 14. Em 1930, por sua vez, algumas edições contavam com

³⁶ Não há a indicação de quando a reportagem foi publicada no *Correio do Povo*.

20, outras com 16. É difícil estabelecer um padrão no início, pois era uma época de consolidação mesmo.

Em abril de 1931, na quarta edição do ano, publicaram o perfil do bispo Dom Daniel Hoftin, de Lages. Foi um texto muito completo, ocupando quase duas páginas, com intertítulos e uma foto. Na mesma edição, aparece a seção “*Mitteilungen der Zentrale*” (Recados da central), em que a redação respondia dúvidas e reclamações de leitores e associados ou publicava notas, com avisos pontuais da central da Sociedade União Popular, localizada em Porto Alegre.

Trechos em português eram raros. Encontramos uma ocorrência na edição número 11 de 1932, quando o “*Die Schule des Volksvereins*” incentivava as pessoas a votarem, sobretudo as mulheres, uma vez que Getúlio Vargas havia permitido o voto feminino. Ao final do artigo, publicaram um modelo de procuração, em português, que ensinava como o público feminino poderia fazer o requerimento desse direito – o que é caracterizado como serviço. A língua oficial do Brasil só era utilizada em casos imprescindíveis, ou, como verificamos, a partir de 1939, quando a primeira página da revista trazia textos bilíngues, em função da Campanha de Nacionalização.

Em 1935, a tiragem era de 6.500 exemplares, de acordo com o expediente e, na edição de janeiro, há um artigo falando da saída do padre Theodor Amstad da redação, com um texto intitulado “*Ein Abschieds und ein Dankeswort*” (Uma despedida e uma palavra de agradecimento). Desde a saída de Amstad, como responsável pela revista, é visível uma mudança editorial. Da predominância institucional, passa-se a diversificar os conteúdos, incluindo mais informações agropecuárias e serviço no geral.

A partir de 1934, a revista cria uma seção chamada “*Junge Front*” (Frente jovem), direcionada a um público mais novo, filhos dos leitores, com conteúdo específico voltado a eles. Eram contos, artigos e dicas religiosas e morais. A partir do mesmo ano, aumenta-se o número de frases motivadoras espalhadas pela publicação, no topo ou no fim das páginas, como essa: “*Der Volksverein braucht nicht nur Mitglieder sondern auch Mitarbeiter*” (A Sociedade Popular não precisa somente de membros, mas também de ajudantes).

Figura 3 – Exemplo da diagramação e da tipografia



Fonte: foto tirada pela autora no Memorial Jesuíta da Unisinos.

Um padrão é, em datas festivas, como Ano Novo, Páscoa, Dia das Mães, Dia do Colono (25 de julho) e Natal, aparecerem artigos que remetam a essas comemorações e, sobretudo, contos e artigos que falem sobre elas. Ainda nesse período, é difícil definir um número exato de páginas para a revista. Oscilavam entre 14 e até 30 páginas, sendo que, nos períodos áureos, os anúncios ocupavam entre sete e oito páginas, dentre os quais se incluíam publicidade de chimarrão, livrarias, empresas que vendem máquinas para agricultores, médicos, remédios e cigarros, e a agência de viagem Andorinha Azul.

Cartas de leitores também ganhavam espaço. Em 1935, aparece, pela primeira vez, a “Zuschriften aus den Sektionen” (Comunicação das seções). No mesmo ano, surge também a seção de resenha de livros da *Sankt Paulusblatt*, intitulada “Bücherbesprechung” (Conversa sobre livros), com pequenas notas falando de várias obras (o número não era fixo, e podia ser de uma a dez), seus preços e onde encontrá-las. No mesmo período, surge a de consultoria jurídica “Rechtsberatung”, nos moldes de perguntas e respostas. Claramente, a publicação prestava um serviço aos leitores, informando-os de questões práticas.

Notícias que ultrapassavam as fronteiras da SUP eram raras e, entre essas décadas, ganharam espaço nas seções “*Der Alltag spricht*” (O dia a dia fala) e “*Wirtschaftliche Rundschau*” (Panorama econômico), a partir de 1930. A primeira foi composta de várias notas com curiosidades diversas, envolvendo atores internacionais, pessoas desconhecidas da história, acontecimentos pitorescos; a segunda eram notas de cunho econômico e agropecuário. Ambas eram redigidas em forma de notas e ocupavam até cinco páginas e meia – embora, em todas as seções da revista no geral, não haja um espaço definido, uma vez que, dependendo da edição, os editores resolviam o quanto dariam de espaço para cada assunto, em função do conteúdo que havia.

Um resumo da revista, no período arrolado até o momento, com base em nossa observação e na revisão bibliográfica, permite-nos concluir que ela foi criada com o objetivo de unir os membros da Sociedade União Popular, tinha identidade gráfica similar à de jornal³⁷, publicava longos textos, divididos em relatos de viagens, contos e romances-folhetim, prestava um serviço aos associados, com informações sobre a entidade, agricultura e educação, e estava em período de consolidação. O conteúdo, de maneira geral, mostrava-se ainda muito institucional, o que foi mudando nas décadas posteriores.

Em 1941, dificuldades impostas pela Campanha de Nacionalização interromperam a circulação da revista, que só foi retomada em 1948. A partir de então, sob o comando do padre Balduino Rambo, a proposta editorial muda consideravelmente, o que vamos explicar a seguir.

5.2. 1948 A 1956: PREDOMINÂNCIA DE CONTOS E DE ROMANCES-FOLHETIM

A partir de 1948, com o retorno da revista após a interrupção durante a Segunda Guerra Mundial, as notícias institucionais são ofuscadas por contos e romances-folhetim, que ocupam mais da metade das páginas da publicação. A retomada, depois do conflito, foi tortuosa, como visto na revisão bibliográfica, mas o conteúdo, de maneira geral, não decepcionou – uma vez que manteve a qualidade – e a revista foi publicada mensalmente, desde então. Apenas em casos esparsos, como em 1956, quando um incêndio destruiu a Tipografia do Centro, editora que imprimia a *Sankt*

³⁷ Reforçamos, todavia, que, mesmo com a identidade gráfica similar à de jornal, a *Sankt Paulusblatt* era uma revista no aspecto de conteúdo.

Paulusblatt, a publicação foi impressa a cada dois meses, durante três edições, retomando a periodicidade mensal, em seguida.

Nesse período, a prestação de contas da SUP também aparece com menor frequência nas edições, cedendo espaço a seções variadas de dicas de manejo nas lavouras, saúde e instruções de vestimenta para mulheres. O nome das seções não era fixo, mas o conteúdo era basicamente o mesmo. A revista sempre abria com um texto de Balduino Rambo, que podia ser uma matéria falando sobre algo que ocorreu na SUP, até artigos opinando sobre a fome no mundo, contos ou, ainda, uma espécie de editorial. Como pontua Isabel Arendt (2007), Rambo era muito autêntico e escrevia sobre diversos assuntos com naturalidade.

Aparecem, com assiduidade, nesse período, dicas de manejo nas lavouras, com reportagens e matérias assinadas por especialistas, sejam veterinários ou engenheiros agrônomos. A seção “*Beim Hausartz*” (Com o médico de casa), por exemplo, é assinada pelo médico Carlos Günther, que a revista define como o médico de confiança da SUP. Nos artigos, dá dicas de saúde em geral. Há, ainda, a seção “*Beim Tierartz*” (Com o veterinário), que era focada em animais, e esclarecia sobre doenças e sobre cuidado com o gado, suínos e cavalos, por exemplo. A seção “*Landwirtschaftliches*” (Agrícola), por sua vez, trazia reportagens, matérias e artigos sobre agricultura, no geral.

A visão do leitor ganhou espaço na seção “*Zuschrift aus der Volksvereinsfamilie*” (Cartas da família Sociedade Popular), que publica cartas direcionadas à *Sankt Paulusblatt*, nas quais os leitores contavam sobre o que acontecia em algumas colônias ou opinavam sobre a publicação. As mulheres ainda têm uma seção garantida para si, em “*Praktische Winke für die Hausfrau*” (Dicas práticas para a dona-de-casa), onde se publicavam notas com dicas em geral ou receitas culinárias.

O número de páginas da revista aumenta gradativamente, passando de 30 a 40, embora, em alguns meses, ela volte para 32 e depois passe a 40 novamente. Nesse período, a redação também começa a publicar cartas em dialeto, como a “*Brief aus dem schrohe Eck*” e a “*Brief aus dem Cludepikad*”, assinada por *Clades Krähfeder*.

Em 1949, a edição de maio contabiliza 11 contos diversos, com assuntos que perpassam religião, e dois romances-folhetim, demonstrando a elevada presença cultural na revista. Uma autora publicada com frequência era Helene Emund, a qual chegava a ocupar 10 páginas com um capítulo de seus romances-folhetim. De tão

conhecida, a redação fazia uma espécie de destaque a seus escritos, para que, graficamente, ficasse marcado o fato de o leitor estar lendo ficção. Ela assinou os romances-folhetim “*Barbara Landsberg*” e “*Der Erde*” no período.

Também começam a aparecer textos históricos³⁸, como um artigo de Friedel Emunds, em dezembro de 1953, sobre o surgimento das cooperativas de crédito no Brasil, e publicado em várias partes na revista. Eram textos longos, que se estendiam por até seis páginas, contando aspectos históricos de imigração alemã ou que diziam respeito à Sociedade União Popular.

A partir de 1951, começaram a ocupar a última página da revista, com o aniversário de assinantes ou agentes da *Sankt Paulusblatt* – não há como saber de qual dos dois porque não diz. A partir do mesmo ano, o número de anúncios começa a minguar. No período anterior, descrito no subcapítulo 5.1, a publicidade chegava a ocupar oito ou dez páginas. Agora, ocupa de duas a quatro e se concentra nas caixas rurais.

Em 1952, na edição de setembro, é publicada uma reportagem sobre alcoolismo, com itens para identificar se alguém é alcoólatra ou não. Fotos são raras ainda, aparecendo, com maior frequência, ilustrações, sempre de cunho religioso, mostrando Maria, anjos e Jesus, por exemplo. No mesmo ano, aparece a seção “*Aus Welt und Leben und allerlei Schriften*” (Sobre o mundo e a vida e escritos de todos os tipos), com notas de pequenas curiosidades, como o menor livro do mundo, por exemplo. Eram sempre publicações de cunho pitoresco, inusitado.

As histórias de viagem do secretário-viajante ou secretário-itinerante aparecem com menos frequência, mas ainda ganham espaço em algumas edições, bem como o itinerário que ele fazia pelas colônias. Nunca faltavam seções de humor na publicação, sempre ao final. Elas eram nomeadas como “*Humor*” ou “*Lachen ist gesund*” (Rir é saudável), e ocupavam de duas a quatro páginas.

Em 1954, a revista começa a mudar a tipografia aos poucos. Da tipografia gótica, passa para uma mais normal, parecida com a que se tem hoje, e de leitura mais simples. A primeira ocorrência da tendência mais noticiosa que se seguiu foi verificada na edição de junho de 1955, com a seção “*Neuigkeiten aus Brasilien*” (Novidades do Brasil), em que se publicavam notas que iam desde a inauguração de uma comunidade católica, em Niterói, no Rio de Janeiro, até a produção de açúcar do

³⁸ Criamos esta nomenclatura porque não encontramos nenhuma outra que se encaixasse nesse aspecto dentro dos gêneros jornalísticos definidos no livro de Marques de Melo e Assis (2010).

país ou o número de habitantes e municípios brasileiros. Eram notas variadas sobre o Brasil, sempre com um título. Chegavam a ocupar até cinco páginas – embora, em outras edições, ocupem duas.

Um resumo do período nos permite concluir que a *Sankt Paulusblatt* tomou contornos mais culturais, ao invés de institucionais, entregando muitos contos e romances-folhetim aos leitores, não esquecendo de informá-los de questões pertinentes sobre agricultura – uma vez que o principal público-alvo da revista eram colonos. Sob o comando do padre Balduino Rambo, portanto, a revista focou-se em aspectos literários, desempenhando, ainda, o papel de porta-voz da SUP junto a seus associados, uma vez que publicava avisos, cartas e matérias sobre assembleias e os Congressos de Católicos, embora o fizesse em menor intensidade. Na próxima fase, os aspectos literários são substituídos pela predominância de notícias.

5.3. 1957 A 1974: NOTÍCIAS DA VOLKSVEREIN E DO MUNDO

A partir de 1957, a revista toma contornos mais noticiosos e informativos, não se restringindo apenas à Sociedade União Popular, mas ampliando a abrangência para o Brasil todo e até para outros países. O surgimento da seção “*Neuigkeiten aus Brasilien*” (Novidades do Brasil) marca essa transição que, apesar de lenta – como todas as transformações da revista –, é bem visível. Em 1958, por sua vez, a ocorrência de contos e de romances-folhetim começa a ser reduzida, dando espaço a notícias e artigos religiosos, retornando, ainda, a seção do obituário, que havia desaparecido por um tempo no período anterior ou, quando reaparecia, publicava apenas cerca de um a dois anúncios funerários ou perfis de falecidos. Relatos de viagem ainda aparecem, como um assinado pelo padre Balduino Rambo, que conta sua ida aos Estados Unidos.

Em 1958, surgem artigos assinados pelo médico Friedrich J. P. Tempel, sobre mortalidade infantil, artigo que se repete em edições posteriores, com indicação de que é uma continuação. A seção era chamada “*Was manche Mutter nicht weiss*” (O que muitas mães não sabem) e esclarecia, de maneira geral, informações importantes sobre crianças, que ajudavam as mães a cuidá-las melhor.

No mesmo ano, recuperaram um artigo publicado em janeiro/fevereiro de 1937, assinado por Waldemar Moesch, sobre o trato de porcos. O responsável pela revista, que assina como “*Schriftleitung*”, explica o porquê da decisão de recuperar o texto,

justificando que ele deve ser útil aos leitores vinte anos depois. A partir de então, voltam a abordar muito a agricultura, ofuscando o que, anteriormente, era ocupado por contos e romances-folhetim.

A partir de julho de 1959, a capa da *Sankt Paulusblatt* muda, e o modelo segue até a década de 1990. A nova capa tem o nome da revista destacado acima, com o brasão, o ano, o número e a edição da revista e uma foto bem grande, sempre em preto e branco. Anteriormente, era uma ilustração. Por dentro da revista, criou-se uma seção intitulada “*Unser Titelbild*” (Nossa foto de capa), na qual se explica a foto de capa, que pode ser uma paisagem, uma colônia de abrangência da SUP e até imagens de igrejas do estado. Não se restringiam à religião.

Figura 4 – Nova capa da *Sankt Paulusblatt* em 1959



Fonte: foto tirada pela autora no Memorial Jesuíta da Unisinos.

Na mesma data, surge a seção “*Dies und das*” (Isso e aquilo), com notas de curiosidades e notícias em geral, informando sobre curiosidades envolvendo outros países, como um zoológico em Jerusalém, que só expõe animais bíblicos, e a mulher mais velha do mundo, que faleceu na Alemanha. Havia informações sobre os Estados Unidos, a Inglaterra, a Rússia e também sobre o Brasil, com o título “*Steuerzahlung in Raten*” (Pagamento de impostos em prestações), falando que o sindicato dos motoristas mandou uma petição ao governador Carlos Lacerda, pedindo que ele

parcelasse o imposto sobre as licenças de veículos, uma vez que seu preço aumentou 200%. A seção de notícias específicas da SUP era a “*Mitteilungen*” (Recados).

A partir de 1960, também surge, temporariamente, a seção “*Ehrengalerie*” (Galeria de honra), em que publica o perfil e uma foto de um membro ou ajudante muito importante para a Sociedade União Popular. Também aparece muito, no período, reportagens concernentes à SUP, como uma, em setembro de 1960, sobre a Escola Agrícola implementada em São Sebastião do Caí – com quatro páginas e seis fotos. As reportagens, no período, têm sempre um cunho muito institucional. As notícias ficam a cargo de seções específicas, como a “*Kirchliche Nachrichten*” (Notícias da igreja) e a “*Koloniebericht*” (Relato das colônias). A primeira seção vinha em forma predominante de notas, enquanto a segunda variava de cartas de leitores a notas redigidas pela redação.

Em 1962, há um anúncio de página inteira das Lojas Renner. Quem anunciava muito, durante toda essa época descrita no presente subcapítulo, eram vidraçarias, lojas de sinos, lojas de roupas, editoras, fotografas e caixas rurais de vários distritos, além da revista voltada à agricultura *A Granja*. Aparece também, no mesmo ano, a coluna do Fridolin, nomeada “*Fridolin Aufsätze*” (Ensaio do Fridolin)³⁹. Nela, aparecem crônicas e artigos sobre diversos temas, muitas vezes subjetivos ou religiosos, relacionados a comportamento.

Informações sobre o caixa da entidade, que apareciam com tanta frequência na primeira fase definida por nós, seguem aparecendo nesta terceira, mas apenas na seção descrita como “*Bestätigung von Geldeingänge*” (Confirmação de recebimentos), publicada sempre nas últimas páginas da revista, onde discriminavam todo o dinheiro que entrava no mês, por parte de leitores/agentes, inclusive divulgando nomes.

De maneira geral, a revista não costumava se posicionar politicamente, embora uma ocorrência notória seja verificável em abril de 1964, edição na qual, no artigo de abertura (que não é definido pela revista como tal, mas o qual presumimos que seja o editorial), o redator João Albino Both se pronuncia em relação ao golpe militar: “[...] a melhor ditadura é pior do que a pior democracia!” (BOTH. In: *Sankt Paulusblatt*, n. 4, 1964, p.121, tradução nossa)⁴⁰.

³⁹ Não conseguimos verificar quem escrevia a coluna do Fridolin, uma vez que ela era apenas assinada por “Fridolin”.

⁴⁰ No original: “[...] die beste Diktatur ist schlechter als die schlechteste Demokratie!”.

Em 1964, começa a ficar ainda mais evidente o tom noticioso empregado pela revista. Criaram as seções “*Aus dem Gaucho-land*” (De terras gaúchas) e “*Aus den anderen Staaten*” (De outros estados) para publicar notas informativas sobre o Rio Grande do Sul e o resto do Brasil. Aparece, ainda nesse ano, a seção “*Der neueste aus aller Welt*” (O mais novo do mundo todo), com notas sobre o mundo inteiro, em questões envolvendo, principalmente, economia, política, agricultura. Seções de curiosidades ainda aparecem e são multiplicadas, com a criação da “*Nicht wichtig – aber interessante*” (Não importante, mas interessante), também em forma de notas. Na edição de setembro de 1963, surge a seção “*Meldungen aus Brasilien*” (Notícias de última hora do Brasil), com notas sobre a situação política, econômica e agrícola do Brasil. Porém, ela só aparece nessa edição e, no ano seguinte, desaparece – o que demonstra como se criavam seções que, em seguida, não se repetiam.

O obituário, no período, é nomeado de “*Unsere Toten*” (Nossos falecidos), enquanto a parte de “*Todesanzeige und Dankagung*” (Obituário e ação de graças) aparece de maneira irregular, com anúncios funerários e convites para missas de sétimo dia. Nesse período, a revista sai com, em média, 40 páginas.

Em 1966, criam a seção “*Neues aus aller Welt*” (Novidades do mundo todo), que substitui as específicas sobre o Rio Grande do Sul e o Brasil, que são incorporadas nesta. A seção passa, assim, a sair com até seis páginas, dependendo da edição e, em algumas, até a abrir a revista no lugar do texto de João Albino Both – que, como responsável pela redação, assinava os textos da primeira página. No período, a seção “*Gesundheitliches*” (Saudáveis) também ganha importância, com artigos ou notas sobre saúde. O humor, ao final da revista, não faltava.

É muito comum surgirem seções que, depois de um ou dois anos, desaparecem ou mudam de nome. É o caso da “*Für unsere kleine Leser*” (Para nossos pequenos leitores), que surgiu em 1966, com histórias, em alemão, para os filhos dos leitores da *Sankt Paulusblatt*.

Em 1969, começam a publicar textos históricos em várias partes, como é o caso de “*Die Mucker: Episode aus der Geschichte der deutschen Kolonien von Rio Grande do Sul*” (Os Mucker: episódio da história da colônia alemã do Rio Grande do Sul), escrito por Ambros Schupp.

A partir de 1970, aparece a seção “*Goldene Hochzeit*” (Bodas de ouro) ou “*Diamantene Hochzeit*” (Bodas de diamante), com casamentos que já duram 50 ou 60

anos. Sempre colocam uma foto do casal, explicando onde se casaram, quantos filhos e netos têm e onde foi a festa de comemoração.

Nos anos seguintes, a revista permanece com os mesmos contornos. Publicam notícias do mundo todo, contos, romances-folhetim (embora apareçam mais ou menos um a dois por edição, no total), artigos, humor, curiosidades e dicas voltadas ao público feminino. No geral, o período pode ser definido com a predominância de notícias. A revista tomou contornos mais informativos no sentido geral da palavra, não se restringindo à agricultura ou ao ramo institucional, embora o número de reportagens sobre ações da SUP tivesse aumentado. Ainda assim, destacaram-se as notas em seções como “*Neues aus aller Welt*”. A partir de 1975, as notícias são ofuscadas por textos religiosos, obituário e seções como as que falam de bodas de ouro e diamante, que aparecem com assiduidade.

5.4. 1975 A 1988: DESTAQUE PARA A RELIGIÃO

Com o passar dos anos, as seções de notícia cedem espaço à religião, a artigos e textos cristãos no geral, ao obituário (“*Todesanzeige und Danksagung*”) e à seção em que divulgam “*Goldene Hochzeit*” ou “*Diamantene Hochzeit*” (Bodas de ouro e diamante, respectivamente). Com a saída de João Albino Both e a entrada de José Rücker como responsável pela *Sankt Paulusblatt*, o que o expediente mostra que ocorreu em 1979, fica mais evidente ainda a alteração editorial. Both assinava como jornalista da revista, o que passou a ser feito, então, por Hugo Hammes, que segue, até hoje, na função, embora mais por motivos burocráticos do que práticos, uma vez que Rücker é quem cuida efetivamente da revista.

Surgiu, em 1978, a coluna “*Mitarbeiter*”, assinada por Armin Fabian, na qual ele compartilhava crônicas e artigos sobre assuntos diversos, mas puxava algo sobre religião sempre. Porém, durou apenas um ano, posto que, no ano seguinte, ele continuava a publicar textos, mas sem o título indicado acima. Assim, presumimos que apenas tiraram o título e mantiveram a presença de Fabian.

A seção “*Kolonieberichte*” (Relatórios da colônia), que surgiu na fase anterior, permanece sendo publicada, uma vez que há descrições e mensagens de diversas colônias de abrangência da Sociedade União Popular, como Venâncio Aires, Quatro Pontes (que pertencia a Marechal Rondon, no Paraná), Cerro Largo e Campina das Missões, por exemplo. Em carta endereçada à redação, e publicada em fevereiro de

1980, o leitor Bruno Valentim Dresch, de Centro Novo, no município de Planalto (PR), explicita a função da *Sankt Paulusblatt* junto aos leitores na época.

Entre nós sempre prevalece uma grande alegria quando a *Sankt Paulusblatt* chega, da qual ficamos muito amigos, porque o que vem nela são comentários e temos uma e outra notícia de parentes, amigos e conhecidos da velha picada e que se tornam claras para nós. [...] Os jovens não conseguem mais ler em alemão e se envergonham, eu acredito, de ainda falar alemão. [...] A língua alemã é, para mim, o maior legado que meus pais puderam me deixar (DRESCH. In: *Sankt Paulusblatt*, n. 2, 1980, p. 49, tradução nossa).⁴¹

Em 1978, na edição de junho, aparece, pela primeira vez, uma seção chamada “*Vier Generationen*” (Quatro gerações), em que a revista publica a foto de uma família com quatro gerações, geralmente a partir da bisavó ou do bisavô (mas há ocorrências de trisavôs ou trisavós), indo ao avô ou à avó, mãe/pai e, por fim, filho/filha. O texto vem em forma de nota, publicando o nome de todos da foto.

A coluna de Fridolin continua aparecendo na revista, nos mesmos moldes, com o mesmo cabeçalho e o mesmo tipo de texto. Os principais anunciantes, na época, eram a empresa de peças Motopel, a empresa Agro Importadora, que vendia fertilizantes, a Indústria Schneider e o próprio Armin Fabian, que escrevia na revista e era dentista em Porto Alegre. Também anunciavam, com frequência, o laboratório Quimsul, o Laboratório Saúde e a Funerária Edgar B. Hahn.

Publicaram, partir de 1977, o texto histórico “*Was mir der Alte Reinhold erzählt hat*” (O que o velho Reinhold me contou), sobre a história de um colono que veio ao sul do Brasil. Em 1979, ainda era publicado e estava já na 24ª parte.

Na edição de novembro de 1979, identificamos uma entrevista no gênero jornalístico informativo. A redação entrevistou o padre Wendlin Gruber, que visitou a sede da revista, em Porto Alegre. Na mesma edição, a revista publicou foto de seus agentes e o nome deles, de acordo com o número de leitores que cada um tinha. Ou seja, enumerou-os conforme quantos assinantes cada um angariava e representava nos distritos da SUP. Foi publicado em várias edições.

⁴¹ No original: “*Bei uns herrscht immer grosse Freude wenn das ‚Sankt Paulusblatt‘ ankommt, wodurch wir gute Freunde geworden sind, weil wir das, was darin kommt unter uns kommentieren und wodurch man auf die eine oder die andere Art Neuigkeiten von Verwandten, Freunden und Bekannten aus den alten Pikaden und Schneisen gewahr wird. [...] Die Jugend kann nicht mehr deutschlesen und schämen sich, glaube ich, noch deutsch zu sprechen. [...] Die deutsche Sprache ist für mich das grösste Erbe, was meine Eltern mir hinterlassen konnten“.*

Entrevistas tornaram-se mais comuns. Em fevereiro de 1982, republicam a que fora feita pela revista *Konradsblatt*, com o padre espanhol Vidal Gutierrez, sobre a guerra em El Salvador. Ocupou cinco páginas. Em abril de 1984, traduziram uma entrevista publicada originalmente na *Veja*, com o economista nascido na Alemanha e morador dos Estados Unidos, Rüdiger Dornsbuch, comentando sobre a dívida externa brasileira. Ocupou quatro páginas.

Em março de 1983, há um artigo, assinado por Armin Fabian, falando sobre os 500 anos da Reforma Luterana, reforçando o tom ecumênico que a publicação estava começando a empregar. Não havia mais apenas artigos e textos referentes à Igreja Católica, mas outras religiões ganhavam espaço.

Nessa época, quase não há mais informações agrícolas, dando espaço apenas à saúde e relatos históricos, entrando também mais reportagens institucionais e religiosas. A seção de saúde chega a ocupar cinco páginas, falando de assuntos diversos, como câncer de próstata, diabetes e alimentação adequada para dentes saudáveis. O número de páginas, no período, é de 40, aumentando para 48 em 1985. A partir de 1985 também começam a aumentar as seções de obituário, que ocupam, por vezes, quatro páginas, e as de bodas, que, anteriormente, contabilizavam uma ou duas, mas, em dezembro de 1986, foram publicadas em nove.

Em março de 1987, a revista publica um texto em português fazendo propaganda de um livro que a editora da entidade estava comercializando, para quem não consegue mais ler em alemão, mas gosta de ler, pois a obra era em português. De maneira geral, só se fazia propaganda do *Jahrbuch*, anuário da família que era publicado pela editora da SUP. As resenhas perderam espaço, desde a terceira fase.

Resumindo o período descrito, podemos perceber que a revista tomou contornos um pouco mais institucionais novamente, mas predominando a religião, de maneira geral, não focando na Igreja Católica, e dando destaque, aos poucos, ao obituário e às bodas. Com a crise que se abateu sobre a *Sankt Paulusblatt*, em função do pedido de saída de José Rücker, por motivos de saúde, a revista teve de ser suspensa, no final de 1988. Em 1989, ela foi retomada e, embora mantivesse o foco na religião, nas bodas, no obituário e na preservação da língua alemã, veremos a seguir que houve modificações importantes.

5.5. 1989 EM DIANTE: NOVA ERA, COM TRANSFERÊNCIA PARA NOVA PETRÓPOLIS

Depois da suspensão da circulação da *Sankt Paulusblatt*, um grupo, em Nova Petrópolis, resolveu assumir a tarefa de retomar a revista, o que ocorreu em 1989. O processo, descrito na revisão bibliográfica, levou em torno de cinco meses. Em carta direcionada aos leitores, na retomada – redigida em alemão e resumida, na página seguinte, em português –, a redação explica a importância da revista.

Neste contexto a sobrevivência do “Skt. Paulusblatt” transcende a uma simples “publicação a mais em língua estrangeira” ou a um mero “saudosismo” de um Passado que jamais retornará! É antes de tudo um reencontro de um povo com suas raízes históricas. Uma reafirmação de princípios e valores imperecíveis que poderão resgatar nossa Pátria na grave conjuntura em que se encontra (EIN Wort zu dein Herz. In: *Sankt Paulusblatt*, n. 1/5, 1989, p. 2).

Em 1989, a revista mostrava o expediente completo no cabeçalho da primeira página. A publicação era impressa na Gráfica Treze de Maio, em Venâncio Aires (RS). O presidente, na época, era Walter Seger, enquanto o gerente, Heitor Michaelsen. Os coordenadores da revista, Renato Urbano Seibt e Ilse Flügel. Os digitadores, Clovis Weber (hoje administrador) e Cândida Michaelsen. O jornalista responsável continuava a ser Hugo Hammes. A tiragem era, na época, de 5.800 exemplares, de acordo com a edição de setembro/outubro de 1989. Nos exemplares seguintes, reaparecem anúncios, praticamente os mesmos de antes: Pó Pelotense e Laboratório Saúde Ltda., por exemplo. Os maiores anunciantes da revista eram a Cooperativa Piá e a multinacional de tecnologia alemã Stihl. A partir de 2006, a Stihl parou de anunciar – colocava a contracapa inteira da revista sempre – e entrou o Sicredi (que é herdeiro da Caixa Rural criada por Theodor Amstad) e a empresa de cadeiras de rodas OrtoBrás.

Na edição de retomada, que corresponde ao período de janeiro a maio de 1989, a revista publicou o depoimento de muitas autoridades, falando da importância do retorno da *Sankt Paulusblatt*. Entre elas, estavam os cumprimentos da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil), que marca o retorno da circulação da SPB de maneira ecumênica. Há, ainda, a palavra do prefeito de Nova Petrópolis, na época, Augusto Schranck Junior. Todos os depoimentos são explicados em português – não traduzidos literalmente, mas resumidos.

Também na primeira edição de 1989, o presidente da SUP, Walter Seger, escreve um artigo dizendo que o objetivo, agora, é reconquistar o número de

assinantes antigos, aumentando-o para 10.000. Há uma lacuna nas informações sobre o número de assinantes da *Sankt Paulusblatt*. Quando a revista não publica no expediente essa informação, não conseguimos sabê-la – exceto a partir de 1989. Portanto, o que podemos inferir, a partir da carta de Seger, é que a revista já alcançou os 10.000 assinantes, em algum momento de sua história. Só não conseguimos identificar esse período. A intenção dele, entretanto, mostrar-se-ia fracassada, nos anos seguintes.

A maior parte dos textos é redigida em alemão, embora, de vez em quando, apareçam alguns em português, sobretudo no início da retomada. É o caso de uma ocorrência sobre a Reforma Agrária, em artigo assinado, na edição 9/10 de 1989, pelo padre João Sehnem, defendendo-a, para alimentar os famintos do Brasil e do mundo todo. A partir de 1992, não aparecem mais traduções nem resumos em português e a revista decide apenas publicar em alemão, mesmo que o número de assinantes, com o passar dos anos, reduza-se significativamente. De acordo com informações no expediente, em 1989, eram impressos 5.800 exemplares. Em 1995, 5.000. A partir de 2000, 4.000 exemplares. Em 2006, cai para 3.500 e, desde então, o expediente não mostra mais a tiragem. Em 2012 havia, aproximadamente, 1.200 assinantes e tiragem de 1.500 exemplares (informação verbal)⁴².

Em 1989, ainda aparece a seção “*Nachrichten aus dem Volksverein*” (Notícias da Sociedade Popular), com notas sobre a entidade; e a “*Lachen mit uns!*” (Ria conosco!), com piadas. Também a partir da transferência para Nova Petrópolis, as páginas da revista começam a ser contadas por edição – até então, eram cumulativas o ano todo. As edições passam a ser contadas de maneira cumulativa em todos os anos, diferente do que era feito anteriormente.

A partir da edição 9/10 de 1989, que tem 72 páginas, surge a seção “*Deutsch für die Familie*” (Alemão para a família), com duas páginas ilustradas com dicas didáticas para aprender o idioma, numa tentativa da *Sankt Paulusblatt* de fomentar o ensino da língua, cujo uso vinha diminuindo entre a população. Os leitores ganham espaço na seção “*Leser Briefe*” (Carta do leitor) e, na edição referida, há uma carta, em português, do leitor Darcysio Fritsch, que explicita muito bem a nova função da SPB.

⁴² Informações fornecidas por Clóvis Weber, administrador da revista, em entrevista por telefone, concedida no dia 6 de novembro de 2015.

Como tanta gente, também me alegro com vocês e com todos os que esperavam que o SKT. PAULUSBLATT ressurgisse para continuar a ser, para muitos, o único lazer intelectual e a única fonte escrita de informações, orientações e comunicação.

Eu pessoalmente não o leio, mas meu sogro sempre foi assinante e leitor assíduo da revista, sendo sua companheira inseparável nas longas horas diárias em que está sozinho, uma vez que não pode mais trabalhar e tem dificuldade de se locomover. Por isso lhes sou grato e peço a Deus que lhes dê força, coragem e sabedoria para que o “Skt. Paulusblatt” possa continuar a ser, não uma revista, mas a revista que, muito além de informante, é o veículo da solidariedade, da cultura, da espiritualidade, do elo social para milhares de pessoas, uma parcela significativa e importante do povo brasileiro, de tão forte cultura e tradição alemã. [...] (FRITSCH. In: *Sankt Paulusblatt*, n. 9/10, 1989, p.64).

Os artigos e reportagens começam a tratar, aos poucos, somente sobre assuntos do passado, sobretudo no que concerne à imigração alemã. Ficção, como romances-folhetim e contos, são raros a partir de agora. Nesse período, desde a retomada, ficaram mais fortes as seções “*Todesanzeige und Danksagung*” (Obituário e agradecimentos) e a de bodas, que chegam a ocupar 10 páginas juntas. Poemas ainda aparecem, com temas religiosos ou de crítica social.

A seção “*Meldungen und Meinungen*” (Relatórios e pareceres) publica pequenas notas de agentes da revista, parabenizando pelo retorno e reportando novas assinaturas. A seção “*Geldeingängen*” (Recebimentos) ainda existe também, prestando contas do dinheiro que entrava no caixa da entidade.

Na primeira edição do ano 1990, a revista abre com um poema de Josef Besser, autor alemão, sobre o muro de Berlim, intitulado “*Die Mauer*”. Na mesma edição, surge a seção “*Für die Kinder*” (Para as crianças) e aparecem textos, em português, assinados por engenheiros agrônomos e veterinários, sobre agropecuária. A partir da edição de outubro do ano, retorna a seção “*Was manche Mutter nicht weiss*” (O que muitas mães não sabem), assinada por Friederich J. P. Tempel.

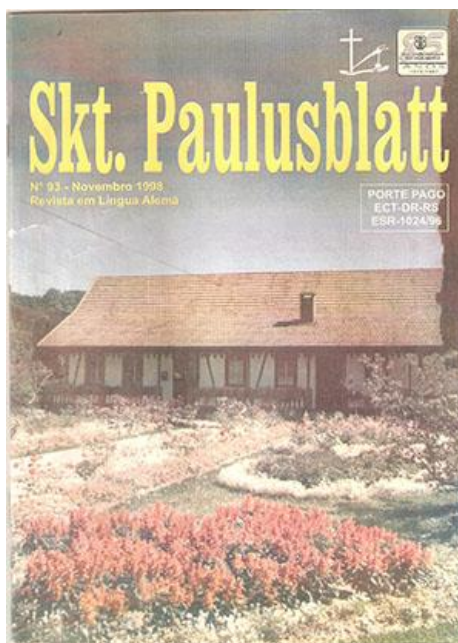
Em 1991, criam a seção “*Unser Munizip*”, em que apresentam um município de abrangência da SUP. Na edição 14, de maio/junho, aparecem duas páginas sobre Venâncio Aires, falando sobre a criação da cidade, onde está localizada, área, número de habitantes, o prefeito e o vice-prefeito (com foto de ambos). Na edição 17, de novembro/dezembro do mesmo ano, publicam sobre Arroio do Meio. A mesma edição tem 12 páginas de obituário e 60, no total. Em 1991, as edições foram bimensais e,

consequentemente, passaram de 48 para 60 páginas, cada. Em 1992, voltam a ser mensais (com exceção de janeiro/fevereiro) e circulam, então, com 48 páginas.

Em 1992, surge a seção “*Unisinosblatt*” (Folha da Unisinos), com textos históricos e artigos escritos, principalmente, pelos pesquisadores que integram o Núcleo de Estudos Teuto-brasileiros da universidade. Porém, também há artigos assinados por outros pesquisados, como Virgílio Périus, coordenador da pós-graduação em Cooperativismo da instituição de ensino. A seção segue até 2010, sempre com textos que falam de aspectos históricos e de pesquisa.

Em 1996, começam a aparecer matérias e anúncios sobre festas e encontros de família (*Famielientreffen*). A edição 68, de agosto de 1996, tem uma mudança na capa: agora há uma foto sangrada, com o título da revista por cima, o número e o ano da edição e o escrito “Revista brasileira em língua alemã”. As fotos são de lugares diversos, não mais necessariamente religiosas. A partir da edição número 81, de outubro de 1997, a revista fica menor e passa a ser impressa nas medidas 18 x 25 centímetros.

Figura 5 – Nova capa da *Sankt Paulusblatt*



Fonte: imagem digitalizada pela autora.

A partir da década de 2000, os textos cujos títulos começam com as palavras “*Erinnerung*” (lembranças) ou “*Geschichte*” (História) tornam-se cada vez mais comuns, demonstrando a presença maior da relação com o passado. Ocorrência de

resenha só houve na edição 210, de julho de 2009. É de um livro, em alemão, intitulado “*Siedlung und Leistung der Deutschen in Brasilien*” (Colonização e poder dos alemães no Brasil). A resenha foi escrita por Vitor Volker Gans, colaborador fixo da revista, segundo o expediente.

Figura 6 – Bodas de ouro e gerações de família

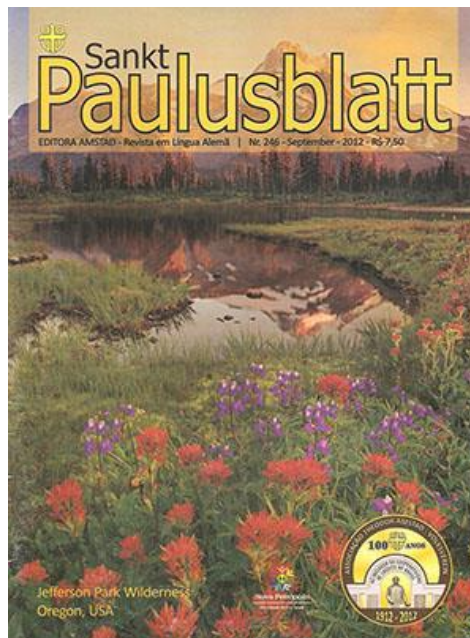


Fonte: imagem digitalizada pela autora.

A partir de 2005, a publicidade começa a minguar. Até hoje, quem anuncia é, por vezes, a Cooperativa Piá, estabelecida em Nova Petrópolis, e a empresa especializada em cadeira de rodas OrtoBrás. A segunda empresa pertence a um leitor da revista, que anuncia apenas para ajudá-la, pois sabe que não vai haver retorno financeiro com os anúncios (HAMMES, 2015). Em 2012, como já registramos, a publicação contava com cerca de 1.200 assinantes, espalhados pelos três estados do sul do Brasil, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, e por outros países, como Argentina, Paraguai, Alemanha, Suíça e Áustria. Nesse ano, os anunciantes são a OrtoBrás, o Sicredi e a Cooperativa Piá. Também conta ainda com agentes que a representam em localidades do Rio Grande do Sul e do oeste catarinense, que

recebem um pacote com as revistas e as distribuem entre os moradores (informação verbal)⁴³.

Figura 7 – Capa da *Sankt Paulusblatt* em 2012



Fonte: imagem digitalizada pela autora.

Em 2012, ao completar 100 anos, a *Sankt Paulusblatt* sofre uma mudança significativa na diagramação e na capa. As medidas passam a ser de 20 x 27 centímetros, a capa é impressa toda colorida, com um papel de melhor qualidade – mudando, inclusive, o papel de seu miolo. Antes, ele era amarelado, parecido com o de jornal. Em 2012, passa a ser impressa em papel couchê, 90 gramas, com a capa no mesmo papel, em 150 gramas. A diagramação, que por toda a história da revista havia sido feita em duas colunas, passou a ser em três. As imagens, todavia, continuam sendo em preto e branco, dentro da publicação – a única colorida é o anúncio da Ortobrás, dentro da revista. O conteúdo permanece o mesmo na essência – textos históricos, artigos religiosos e de comportamento, obituário e bodas –, caindo o número de páginas para 44. Criam apenas a seção “*Das Wort des Präsidenten*” (A palavra do presidente), assinada pelo presidente da época, João Luiz Mallmann. Ainda há a publicação de histórias de viagem.

⁴³ Informações fornecidas por Clóvis Weber, administrador da revista, em entrevista por telefone, concedida no dia 6 de novembro de 2015.

Figura 8 – Nova diagramação da revista



Fonte: imagem digitalizada pela autora.

Um item importante que observamos é que, nas edições de 2012, a revista ainda publica, na última página, um carnê recortável que o leitor pode usar para assinar a publicação. Atualmente, essa atividade, em outros veículos de comunicação, é, costumeiramente, realizada on-line ou por telefone. No entanto, como a revista não possui mais tantos agentes e muitos leitores são de idade e não estão familiarizados com as tecnologias digitais, é compreensível que utilizem esse modo mais antigo de angariar novos assinantes. O valor anual, em 2012, era de R\$ 72,00.

Em função da queda no número de assinantes e da tiragem da revista, podemos presumir que, em breve, ela irá desaparecer por falta de leitores. Além do mais, ela não tem recursos gráficos atraentes para o público mais jovem, no sentido de ser publicada toda em preto e branco, sem muitas fotos e ilustrações, e nem está presente on-line, por meio de uma página do *Facebook* ou *site*, por exemplo.

Um resumo deste subcapítulo mostra que a revista sofreu grandes alterações desde que se mudou para Nova Petrópolis, sendo que a principal é a redução significativa no número de assinantes. O conteúdo é basicamente religioso, com textos históricos, relatos de viagem, experiências e lembranças pessoais, obituário, bodas, festas de família e tudo o que, de alguma forma, concerne ao universo da imigração alemã e familiar. É visível que a revista sobrevive como forma de preservar

uma tradição e uma cultura, uma vez que dá prejuízo à Editora Amstad. Em 2015, são impressos 1.200 exemplares mensais, com menos de 1.000 assinantes (informação verbal)⁴⁴.

⁴⁴ Informações fornecidas por Clóvis Weber, administrador da revista, em entrevista por telefone, concedida no dia 6 de novembro de 2015.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contar a história de uma revista brasileira em língua alemã que sobrevive há mais de 100 anos, resistindo a adversidades históricas e empecilhos institucionais, é tarefa árdua. Descrever as publicações, durante um século, folhear 184 exemplares à procura de seções e de particularidades, classificar os gêneros jornalísticos e verificar, a partir daí, sua importância junto aos leitores foi, assim, um desafio que esperamos ter cumprido com excelência. A história da *Sankt Paulusblatt* é extensa e riquíssima, como demonstramos, o que, por vezes, dificultou nossa análise e a condensação de todas essas características, em poucas páginas.

Por meio da divisão da revista em cinco fases, como apontado no quinto capítulo desta monografia, é possível notar mais claramente que sua função junto aos leitores mudou com o passar dos anos – um processo natural, ainda mais por ser tão longeva, o que demanda ajustes para mantê-la circulando. Apesar de não ser mais viável economicamente, em 2015, de dar prejuízos financeiros para a Editora Amstad, que a imprime, e de perder, ano após ano, um número significativo de assinantes, é inegável que o valor histórico e cultural da revista deve ser reconhecido e exaltado.

Como demonstramos, a *Sankt Paulusblatt* nasceu com uma proposta institucional, exercendo o papel de porta-voz da Sociedade União Popular junto a seus associados, uma vez que a entidade estava em fase de consolidação e de expansão. A SPB foi criada, portanto, em um contexto de associativismo teuto-católico. O padre Theodor Amstad, que esteve à frente da revista desde sua fundação até 1934, imprimiu um tom mais religioso e institucional, não deixando de lado o entretenimento, que ficava a cargo de seções de humor, de romances-folhetim e de contos. A parte mais formativa aparecia em dicas de saúde e sobre o manejo nas lavouras, informações sobre educação e comportamento, o que mostra que ela desempenhava um papel bem abrangente, visando a atingir públicos distintos, como colonos e professores.

A discriminação detalhada das receitas da entidade também merece destaque no período, pois indica que havia uma grande preocupação com a transparência econômica e com a consolidação do caixa da SUP, o que lhe permitiria tirar do papel diversos projetos que, mais tarde, conseguiu tornar reais, como o hospital e o asilo de São Sebastião do Caí, a colonização de Porto Novo, a construção de uma Escola Agrícola e o leprosário de Itapuã, por exemplo. Mesmo com sua suspensão, por causa

da Campanha de Nacionalização, houve uma união muito grande para fazê-la retornar e reocupar a importância que tinha junto aos leitores, após a guerra. Nessa primeira fase (1912-1941), fica evidente, portanto, o tom de serviço que predominava.

Na segunda fase (1948-1956), que definimos e que destacamos com a predominância de romances-folhetim e de contos, a *Sankt Paulusblatt* teve uma preocupação menos institucional e mais cultural e de entretenimento. A maior parte das seções anteriores permanece, mas com presença reduzida em termos de páginas. Aparecem notícias e avisos institucionais, obituário, informações de saúde e dicas de manejo nas lavouras, mas a ficção ocupa mais da metade de algumas edições analisadas.

Aos poucos, aparecem seções de notícias a respeito do Brasil e do mundo todo, fazendo com que a publicação entre em outra fase (1957-1974). Nesse período, o responsável pela redação era o jornalista João Albino Both, o que pode explicar a preferência por textos noticiosos, não deixando de lado a essência da SPB, que era a prestação de um serviço, no que dizia respeito à SUP e aos seus associados. Portanto, ainda aparecem matérias e reportagens sobre a entidade, mas as notícias começam a ocupar boa parte da publicação, às vezes com cinco páginas, só com notas informativas, sobretudo na seção "*Neues aus aller Welt*", que foi a mais duradoura no período. Numericamente, porém, as notícias nunca predominaram frente aos outros conteúdos – nessa fase, elas só se tornaram mais frequentes do que nas outras.

Na quarta fase (1975-1988), na qual identificamos a predominância de textos religiosos, quem esteve à frente da redação foi José Rücker. A partir de então, começaram a ser publicadas informações sobre bodas de ouro e de diamante, a presença do obituário e de artigos de cunho cristão aumentaram – embora também se falasse de outras religiões, além da católica, não criando um estigma sobre as demais. Ao mesmo tempo, dicas sobre o manejo nas lavouras foram ofuscadas, permanecendo apenas as dicas de saúde e o humor, bem como contos e romances-folhetim (com menor intensidade). Também foi nesse período que começaram a ser publicados, com maior frequência, textos históricos – termo que cunhamos pela falta de um gênero que o abarcasse, na bibliografia jornalística contemporânea. Em 1988, a revista foi suspensa, quando Rücker pediu para ser afastado por problemas de saúde, retornando no ano seguinte, com a redação em Nova Petrópolis (RS).

A partir de então, sob a coordenação de Renato Urbano Seibt⁴⁵, iniciou-se a última fase da SPB (1989 em diante), que chamamos de uma nova era, no sentido de haver maior predominância de textos históricos e de lembranças. É visível que houve uma queda significativa na tiragem – quando foi retomada, a revista saía com 5.800 exemplares. Em 2012, por sua vez, eram em torno de 1.200 assinantes, com tiragem de 1.500 exemplares. O próprio conteúdo dá indícios de ser voltado, atualmente, para um público de mais idade, pois a seção de obituário chega a ocupar 10 páginas em algumas edições, além de aparecerem sempre comemorações de bodas e informações sobre festas de família e, sobretudo, textos históricos, com informações que concernem a imigração alemã.

Graficamente, a revista também se mostra pouco atraente aos olhos de um público mais jovem: as fotos, desde 1912, nunca foram coloridas, com exceção da capa. Os anunciantes, conseqüentemente, também começaram a minguar e, em 2012, havia basicamente três que ainda permaneciam fiéis: Sicredi (antiga Caixa Rural, criada por Theodor Amstad), Cooperativa Piá (que tem sede em Nova Petrópolis) e a empresa de cadeira de rodas OrtoBrás (cujo dono é assinante da publicação e a ajuda, mesmo sabendo que não vai haver retorno financeiro). Com essas informações, podemos presumir que a revista está fadada ao desaparecimento – e quem trabalha nela sabe que isso vai ocorrer, embora desconheçam quando.

Ao fazermos a divisão, não havíamos notado que as fases coincidiam com a alteração nos responsáveis pela revista. Mesmo quando outro coordenador entra, leva um tempo para que a *Sankt Paulusblatt* assuma definitivamente o novo estilo, o que fica evidente em nossa análise. Portanto, não há coincidência exata entre a troca de responsáveis e a divisão de períodos que fizemos, mas as fases sempre têm predominância de um coordenador, como indicamos acima.

Fica evidente que a *Sankt Paulusblatt* é uma revista, pois circula mensalmente, na maior parte do tempo, e trata dos assuntos de maneira mais aprofundada e atemporal do que jornais – embora, no aspecto gráfico, deixe a desejar em relação às características de uma revista, apresentadas no quarto capítulo. Por fim, não pode ser enquadrada em teorias jornalísticas, uma vez que, na maior parte do tempo, não se ocupou com notícias, com a interpretação de fatos atuais, mas com informações concernentes à Sociedade União Popular, hoje Associação Theodor Amstad – como

⁴⁵ Seibt faleceu no início de 2015 e se afastou da redação em novembro de 2014. Quem a coordena, desde então, é Clóvis Weber (WEBER, 2015).

informações institucionais e de formação do público-leitor. Boa parte da imprensa brasileira em língua alemã foi jornalística, sobretudo em jornais diários ou semanais que circularam entre o final do século XIX e o início do século XX. A *Sankt Paulusblatt*, porém, não é nem foi jornalística, mesmo que utilizasse – e ainda utilize, por vezes – de técnicas e de gêneros jornalísticos em sua composição. Além do mais, ela não atende aos critérios de noticiabilidade – ou valores-notícia – jornalísticos.

Um dos pontos nos quais se sustenta o jornalismo é a informação de fatos correntes, que recém aconteceram ou que estão em processo de configuração. Ao se ocupar de temas históricos, e apesar de utilizar algumas técnicas jornalísticas, a *Sankt Paulusblatt* não é uma revista de jornalismo, e em nenhum período analisado pode ser caracterizada como tal, mesmo nas décadas em que surgiram muitas seções de notícias. Além disso, de acordo com o que expusemos nesta monografia, ela nem tinha como objetivo principal a atualidade – mas se preocupava em registrar acontecimentos ou eventos (como os *Katholikentag*), em publicar a ata das reuniões da SUP, em rememorar o passado e em preservar a cultura germânica. Nos anos iniciais, também servia de elo de união entre a SUP e seus associados. Em pontos esparsos, verificamos que houve a publicação de artigos e de notícias atuais – porém, sempre em quantidade muito inferior às demais seções.

Portanto, após nossa análise, verificamos que ela pode ser estudada do ponto de vista das Teorias da Comunicação, especialmente da *folkcomunicação* – por se constituir num veículo voltado ao público teuto-brasileiro, publicado na língua mais utilizada por ele, como forma de também preservar tradições e o folclore germânico – e da comunicação comunitária.

Entendemos, todavia, que nosso estudo foi o começo de uma pesquisa que se desdobra em muitas outras. É, portanto, um convite para que outros pesquisadores, tanto da área da Comunicação Social, quanto da História, das Ciências Sociais, da Teologia e até mesmo das Letras (em função dos contos e dos romances-folhetim), se debrucem sobre a *Sankt Paulusblatt* ou outros veículos de imprensa que circularam no Brasil e que foram produzidos por imigrantes. Há uma quantidade elevada de publicações que ainda precisa ser explorada a nível acadêmico, como a presente monografia demonstrou no terceiro capítulo, e diferentes abordagens são possíveis.

Devido à quantidade elevada de exemplares analisados, não foi possível utilizar uma pesquisa quantitativa, no sentido de apontar exatamente a quantidade de seções que surgiram, qual o tempo que duraram e por quantas edições apareceram. Não era

nosso objetivo: queríamos, como já foi dito, fazer uma pesquisa inicial para deixar registrada a história e a riqueza da revista. A divisão dos cem anos em períodos possibilitou traçar esse panorama de maneira mais precisa, uma vez que definimos, então, os conteúdos predominantes, de forma qualitativa, utilizando-nos da pesquisa descritiva e da técnica de descrição analítica.

A *Sankt Paulusblatt* diferencia-se pelo fato de ainda circular em um contexto no qual o número de falantes e leitores da língua alemã é reduzido, resquício da Campanha de Nacionalização, instituída durante o governo de Getúlio Vargas. O estudo que realizamos mostra-se, assim, fundamental para fazer uma primeira análise da revista, como forma de incentivar estudos posteriores e de tornar cada vez mais pública a quantidade de material de imprensa que ainda deve ser pesquisado e cuja história precisa ser registrada. A imprensa brasileira é muito mais vasta do que se imagina. Estudar o passado é imprescindível para compreender o presente e apontar caminhos para o futuro, no sentido de não se repetirem erros e de se aprimorar, cada vez mais, a transmissão de informações.

REFERÊNCIAS

AMSTAD, Theodor. **Memórias autobiográficas**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1981. 217 p.

_____. Reisebericht des Generalsekretärs des Volksvereins. **Sankt Paulusblatt**, Porto Alegre, n. 2, p. 1-3, 1912.

ARENDDT, Isabel Cristina. Pe. Balduino Rambo e a revista *Sankt Paulusblatt*: afirmação de defesa da germanidade. In: ARENDT, Isabel Cristina; GRÜTZMANN, Imgart; RAMBO, Arthur Blásio. **Pe. Balduino Rambo – a pluralidade na unidade: memória, religião, ciência e cultura**. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 2007, p. 171-187.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: 70, 2011. 279 p.

BARROS, Eliane Cruxên; LANDO, Aldair Marli. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica**. Porto Alegre: Movimento, 1976. 94 p.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. 247 p.

_____. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. 2ª ed. São Paulo: Editora da USP; Com-Arte, 1992. 208 p.

BOTH, João Albino. Texto de abertura. **Sankt Paulusblatt**, Porto Alegre, n. 4, p. 121, 1969.

BRAGA, Rubem. **Uma fada no front**. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1994. 160 p.

CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. São Paulo: Cortez, 1980. 125 p.

CEM anos de germanidade no Rio Grande do Sul. Tradução de Arthur Blásio Rambo. **São Leopoldo**: Editora UNISINOS, 1999. 646 p.

COSTA, Lailton Alves da. Outros gêneros em jornais regionais. In: ASSIS, Francisco de; MARQUES DE MELO, José (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 225-268.

D'ARAUJO, Maria Celina. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. 76 p.

DREHER, Martin. **190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças**. 2ª ed. São Leopoldo: Oikos, 2014. 248 p.

_____, Martin. A participação do imigrante na imprensa brasileira. In: _____, Martin; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo (Org.). **Imigração & imprensa**. 1ª ed. São Leopoldo: EST, 2004. p. 91-99.

DRESCH, Bruno Valentim. Kolonieberichte. **Sankt Paulusblatt**, Porto Alegre, n. 2, p. 49, 1980.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62-83.

EIN Wort zu dein Hertz. **Sankt Paulusblatt**, Nova Petrópolis, n. 1/5, p. 2, 1989.

FRITSCH, Darcysio. Leser Briefe. **Sankt Paulusblatt**, Nova Petrópolis, n. 9/10, p. 64, 1989.

GERTZ, René. Imprensa e imigração alemã. DREHER, Martin; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo (Org.). **Imigração & imprensa**. 1ª ed. São Leopoldo: EST, 2004. p. 100-122.

_____, René. A Construção de uma nova cidadania. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas: Ed. ULBRA, 1994a. p. 29-40.

_____. Cidadania e nacionalidade: história e conceitos de uma época. In: MÜLLER, Telmo Lauro (Org.). **Nacionalização e imigração alemã**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994b. p. 13-26.

_____. **O perigo alemão**. 1ª ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1991. 87 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GIRON, Loraine Slomp; POZENATO, Kenia Maria Menegotto. Jornais em língua italiana na antiga região colonial do Rio Grande do Sul. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, vol. 2, n. 3, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/239>>. Acesso em: 11 set. 2015.

GRÜTZMANN, Imgart. O almanaque (*Kalender*) na imigração alemã, na Argentina, no Brasil e no Chile. In: DREHER, Martin; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo (Org.). **Imigração & imprensa**. 1ª ed. São Leopoldo: EST, 2004. p. 48-90.

HAMMES, Hugo. **Entrevista sobre a revista Sankt Paulusblatt** [30 mar. 2015]. Entrevistador: Cândida Schaedler. Porto Alegre: PUCRS.

_____. A Sociedade União Popular de 1960 a 1988. In: ARENDT, Isabel Cristina; RAMBO, Arthur Blásio (Org.). **Cooperar para prosperar: a terceira via**. Porto Alegre: SESCOOP/RS, 2012. p. 141-156.

HOHLFELDT, Antonio. **Deus escreve direito por linhas tortas**: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. 321 p.

KLAUCK, Samuel. **O apostolado da imprensa**: a revista St. Paulus-Blatt como instrumento de informação, formação e catequese no Rio Grande do Sul (1912-1934). 2009, 272 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2009.

KOSERITZ, Carl von. **Imagens do Brasil**. São Paulo: Martins, 1972. 291 p.

KREUTZ, Lúcio. A Escola Teuto-Brasileira Católica e a Nacionalização do Ensino. In: MÜLLER, Telmo Lauro (Org.). **Nacionalização e imigração alemã**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994. p. 27-64.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: UNESP, 2001. 346 p.

LUCA, Tânia Regina de Luca; MARTINS, Ana Luiza (Org.). **História da imprensa no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011. 304 p.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 7ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995. 520 p.

MOREIRA, Sonia Virginia. Análise documental como método e como técnica. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 269-279.

NEUMANN, Rosane Marcia; PETRY, Andrea Helena. Imigrantes alemães e seus descendentes no contexto da campanha de nacionalização. In: ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antonio. **História, cultura e memória**: 180 anos da imigração alemã. São Leopoldo: Oikos, 2005. p. 32-54.

NORONHA, Adolfo Vasconcelos. Embasamento sócio-filosófico. In: NORONHA, Adolfo Vasconcelos; et al. **Cooperativismo**. São Paulo: Cupolo, 1976. p. 15-60.

PISTOIA, Cristiane Debus. A identidade cultural em evidência. In: FLORES, Hilda Agnes Hübner; NEUBERGER, Lotário. **1ª Guerra Mundial: reflexos no Brasil**. Porto Alegre: Ediplat, 2014. p. 21-32.

RAMBO, Arthur Blásio. A Sociedade União Popular | Projeto de promoção humana. Capítulo I. In: ARENDT, Isabel Cristina. RAMBO, Arthur Blásio (Org.). **Cooperar para prosperar**: a terceira via. Porto Alegre: Sescop/RS, 2012a. p. 51-104.

_____. A Sociedade União Popular – uma proposta solidária. In: ARENDT, Isabel Cristina. RAMBO, Arthur Blásio (Org.). **Cooperar para prosperar**: a terceira via. Porto Alegre: Sescop/RS, 2012b. p. 165-210.

_____. A história da imprensa teuto-brasileira. In: CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTNER, Angelika (Org.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**: história, linguagem, educação. Santa Maria: Editora da UFSM, 2003. p. 59-79.

_____. A trajetória de integração do imigrante alemão. In: FISCHER, Luís Augusto; GERTZ, René (Coord.). **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: UFRGS, 1996. p. 196-204.

_____. Nacionalidade e cidadania. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas: Ed. ULBRA, 1994a. p. 43-53.

_____. Nacionalização e imprensa. In: MÜLLER, Telmo Lauro (Org.). **Nacionalização e imigração alemã**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994b. p. 75-86.

_____. **O associativismo teuto-brasileiro e os primórdios do cooperativismo no Brasil**. São Leopoldo: EDUNI-SUL, 1988. 276 p.

RABUSKE, Arthur. Nacionalização e a Igreja Católica. In: MÜLLER, Telmo Lauro (Org.). **Nacionalização e imigração alemã**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994. p. 157-188.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. v.2 Porto Alegre: Globo, 1969. p. 400-806.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007. 280 p.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 92 p.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998. 97 p.

SANTOS, Alba Cristina Couto dos. **As marcas de Amstad no cooperativismo e no associativismo gaúcho**: as lembranças da Associação Theodor Amstad e da Sicredi Pioneira. 2013, 154 p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2013.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. 4ª ed. rev. atual. São Paulo: Contexto, 2011. 112 p.

SCHALLENBERGER, Erneldo. **Associativismo cristão e desenvolvimento comunitário**: imigração e produção social do espaço colonial no sul do Brasil. Cascavel: Edunioeste, 2009. 499 p.

_____. Catolicismo social e redes de cooperação no sul do Brasil. In: ARENDT, Isabel Cristina; GRÜTZMANN, Ingrid; SIDEKUM, Antônio (Org.). **Campos múltiplos**: identidade, cultura e história. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 212-233.

SCHULZE, Frederik. À procura de um fantasma. **Revista de História**, Rio de Janeiro, ano 9, nº 102, p. 20-23, mar. 2014.

SCHWAAB, Reges T.; TAVARES, Frederico de Mello B. Revista e comunicação: percursos, lógicas e circuitos. In: _____, Reges Toni; TAVARES, Frederico de Mello Brandão (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 27-43.

SEIBT, Renato Urbano. A transferência do “Volksverein” para Nova Petrópolis. In: ARENDT, Isabel Cristina. RAMBO, Arthur Blásio (Org.). **Cooperar para prosperar: a terceira via**. Porto Alegre: Sescop/RS, 2012. p. 157-164.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. **A entrada do Brasil na segunda guerra mundial**. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. 378 p.

SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. p 11-27.

SILVA, Haike Roselane Kleber da Silva. **Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão: a história de uma liderança étnica (1868-1950)**. São Leopoldo: Oikos, 2006. 332 p.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. 705 p.

STUMPF, Ida Regina. Pesquisa Bibliográfica. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 51-61.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. v. 2. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2008. 213 p.

_____. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. v.1. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005. 224 p.

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista**. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1996. 134 p.

VOGEL, Daisi. Revista e contemporaneidade: imagens, montagens e suas anacronias. In: SCHWAAB, Reges Toni; TAVARES, Frederico de Mello Brandão (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 15-24.

WEBER, Clovis. **Entrevista sobre presidentes da SUP e responsáveis pela SPB a partir de 1989** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <candidaschaedler@gmail.com> em 03 set. 2015.

WERLE, André Carlos. Discussões acerca da imprensa nos congressos católicos organizados pelos jesuítas alemães (1898 a 1940). In: DREHER, Martin; RAMBO,

Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo (Org.). **Imigração & imprensa**. 1ª ed. São Leopoldo: EST, 2004. p. 123-138.

WOLFF, Martin. **Die Stellung der ethnischen Presse im Prozess der Identitätskonstruktion ihrer Leser**: eine inhaltsanalytische Untersuchung am Beispiel der Brasil-Post. Hamburg: Verlag Dr. Kovac, 2010. 366 p.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 1ª ed. Martins Fontes: São Paulo, 2003.

REVISTAS CONSULTADAS

- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 1, 1912.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 2. 1912.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 4. 1913
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 7, 1913.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 3, 1914.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 4/5, 1914.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 1, 1915.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 5, 1915.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 1/2, 1916.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 8, 1916.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 1/2, 1917.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 3/4, 1917.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 7, 1919.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 8, 1920.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 9, 1920.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 10, 1921.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 11, 1921.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 1, 1922.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 8, 1922.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 1, 1923.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 7, 1923.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 5, 1924.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 2, 1925.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 12, 1925.

- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 1, 1926.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 8, 1926.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 4, 1927.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 12, 1927.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 1, 1929.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 8, 1929.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 2, 1930.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 10, 1930.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 4, 1931.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 8, 1931.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 3, 1932.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 11, 1932.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 1, 1933.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 7, 1933.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 3, 1934.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 8, 1934.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 1, 1935.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 7, 1935.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 4, 1936.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 12, 1936.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 5, 1937.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 9, 1937.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 2/3, 1938.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 11, 1938.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 6, 1939.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 10, 1939.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 4, 1940.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 11, 1940.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 1/2, 1941.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 6-12, 1941.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 1, 1948.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 7, 1948.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 5, 1949.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 10, 1949.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 1, 1950.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 8, 1950.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 3, 1951.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 10, 1951.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 4, 1952.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 9, 1952.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 5, 1953.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 12, 1953.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 2, 1954.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 7, 1954.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 6, 1955.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 10, 1955.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 3/4, 1956.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 11, 1956.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 1/2, 1957.

Sankt Paulusblatt. Porto Alegre, RS, n. 8, 1957.

- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 4, 1958.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 8, 1958.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 1, 1959.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 7, 1959.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 2, 1960.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 9, 1960.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 1, 1961.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 10, 1961.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 5, 1962.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 12, 1962.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 3, 1963.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 9, 1963.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 4, 1964.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 10, 1964.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 2, 1965.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 9, 1965.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 3, 1966.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 11, 1966.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 2, 1967.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 10, 1967.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 1, 1968.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 7, 1968.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 4, 1969.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 12, 1969.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 4/5, 1970.

- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 9, 1970.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 6, 1971.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 11, 1971.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 3, 1972.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 10, 1972.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 1, 1973.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 7, 1973.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 4, 1974.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 8, 1974.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 3, 1975.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 10, 1975.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 5, 1976.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 12, 1976.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 2, 1977.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 8, 1977.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 6, 1978.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 12, 1978.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 5, 1979.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 11, 1979.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 2, 1980.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 11, 1980.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 1, 1981.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 7, 1981.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 2, 1982.
- Sankt Paulusblatt.* Porto Alegre, RS, n. 8, 1982.

- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 3, 1983.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 9, 1983.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 4, 1984.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 10, 1984.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 5, 1985.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 11, 1985.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 6, 1986.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 12, 1986.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 3, 1987.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 10, 1987.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 2, 1988.
- Sankt Paulusblatt*. Porto Alegre, RS, n. 9, 1988.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 1/5, 1989.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 4, 1989.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 6, 1990.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 10, 1990.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 14, 1991.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 17, 1991.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 21, 1992.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 26, 1992.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 29, 1993.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 35, 1993.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 40, 1994.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 45, 1994.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 52, 1995.

- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 57, 1995.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 64, 1996.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 68, 1996.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 64, 1997.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 75, 1997.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 81, 1998.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 94, 1998.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 96, 1999.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 104, 1999.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 109, 2000.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 114, 2000.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 117, 2001.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 122, 2001.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 130, 2002.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 136, 2002.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 142, 2003.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 149, 2003.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 150, 2004.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 156, 2004.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 165, 2005.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 170, 2005.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 172, 2006.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 180, 2006.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 184, 2007.
- Sankt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, RS, n. 191, 2007.

Sankt Paulusblatt. Nova Petrópolis, RS, n. 197, 2008.

Sankt Paulusblatt. Nova Petrópolis, RS, n. 202, 2008.

Sankt Paulusblatt. Nova Petrópolis, RS, n. 205, 2009.

Sankt Paulusblatt. Nova Petrópolis, RS, n. 210, 2009.

Sankt Paulusblatt. Nova Petrópolis, RS, n. 218, 2010.

Sankt Paulusblatt. Nova Petrópolis, RS, n. 225, 2010.

Sankt Paulusblatt. Nova Petrópolis, RS, n. 230, 2011.

Sankt Paulusblatt. Nova Petrópolis, RS, n. 236, 2011.

Sankt Paulusblatt. Nova Petrópolis, RS, n. 240, 2012.

Sankt Paulusblatt. Nova Petrópolis, RS, n. 246, 2012.